

le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



MEMORIAS

DE

UM SARGENTO DE MILICIAS.

POR

UM BRASILEIRO.

TOMO I.



PELOTAS.

TYP. DO COMMERCIO DE JOAQUIM F. NUNES,

RUA DA IGREJA N. 62.

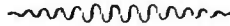
1862.



MEMORIAS

DE

UM SARGENTO DE MILÍCIAS.



CAPITULO I.

ORIGEM, NASCIMENTO E BAPTISADO.

Era no tempo do rei.

Uma das quatro esquinas que formão as ruas do Ouvidor e da Quitanda, cortando-se mutuamente, chamava-se nesse tempo— *O canto dos meirinhos* —; e bem lhe assentava o nome porque era ali o logar de encontro favorito de todos os individuos dessa classe (que gozava então de não pequena consideração.) Os meirinhos de hoje não são mais do que a sombra caricata dos meirinhos do tempo do rei; esses erão gente temível e temida, respeitavel e respeitada; formavão um dos extremos da formidavel cadêa judiciaria que envolvia todo o Rio de Janeiro no tempo em que a demanda era entre nós um clemento de vida: o extremo opposto crão os desembargadores. Ora, os extremos se tocão, e estes, tocando-se, fechavão o circulo dentro do qual se passavão os terriveis combates



das citações, provarás, razões principaes e finaes, e todos esses trejeitos judiciais que se chamava o *processo*.

Dahi sua influencia moral.

Mas tinham ainda outra influencia, que é justamente a que falta aos de hoje: era a influencia que derivavão de suas condições phisicas. Os meirinhos de hoje são homens como quaesquer outros; nada tem de imponentes, nem no seu semblante nem no seu trajar, confundem-se com qualquer procurador, escrevente de cartorio ou continuo de repartição. Os meirinhos desse bello tempo não, não se confundião com ninguém; erão originaes, erão typos: nos seus semblantes transluzia um certo ar de magestade forense, seus olhares calculados e sagazes significavão chicana. Trajavão sizuda casaca preta, calção e meias da mesma côr, sapato afivelado, ao lado esquerdo aristocratico espadim, e na ilharga direita penduravão um circulo branco, cuja significação ignoramos, e corovão tudo isto por um grave chapéo armado. Colocado sob a importancia vantajosa destas condições, o meirinho usava e abusava de sua posição. Era terrivel quando, ao voltar uma esquina ou ao sahir de manhã de sua casa, o cidadão esbarrava com uma daquellas solemnes figuras que, desdobrando junto d'elle uma folha de papel, começava a lê-la em tom confidencial! Por mais que se fizesse não havia remedio em taes circumstancias senão deixar escapar dos labios o terrivel! — *Dou-me por citado*. — Ninguém sabê que significação fatalissima e cruel tinham estas poucas palavras! erão uma sentença de peregrinação eterna que se pronunciava contra si mesmo; querião dizer que se começava uma longa e afadigosa viagem, cujo termo bem distante era a caiva da



Relação, e durante a qual se tinha de pagar importe de passagem em um sem numero de pentos; o advogado, o procurador, o inquiridor, o escrivão, o juiz, inexoráveis Charontes, estavam á porta de mão estendida, e ninguem passava sem que lhes tivesse deixado, não um obolo, porém todo o conteúdo de suas algibeiras, e até a ultima parcella de sua paciencia.

Mas voltemos á esquina. Quem passasse por ali em qualquer dia util dessa abençoada época veria sentado em assentos baixos, então usados, de couro e que se denominavão — cadeiras de campanha — um grupo mais ou menos numeroso dessa nobre gente conversando pacificamente em tudo sobre que era licito conversar: na vida dos fidalgos, nas noticias do Reino e nas astucias policiaes de Vidigal. Entre os termos que formavão essa equação meirinhã pregada na esquina havia uma quantidade constante, era o Leonardo-Pataca. Chamavão assim a uma rotunda e gordissima personagem de cabellos brancos e carão avermelhado, que era o decano da corporação, o mais antigo dos meirinhos que vivião nesse tempo. A velhice tinha-o tornado moleirão e pachorrento; com sua vagareza atrazava o negocio das partes; não o procuravão; e por isso jámais sahia da esqura; passava alli os dias sentado na sua cadeira, com as pernas estendidas e o queixo apoiado sobre uma grossa bengalla, que depois dos cincoenta era a sua infallivel companhia. Do habito que tinha de queixar-se a todo o instante de que só pagassem por sua citação a medica quantia de 320 réis, lhe viera o appellido que juntavão ao seu nome.

Sua historia tem pouca cousa de notavel. Fôra Leonardo algibebe em Lisbôa, sua pátria; aborrecêra-se porém do ne-

gocio, e viera ao Brasil. Aqui chegando, não se sabe por protecção de quem, alcançou o emprego de que o vemos empossado, e que exercia, como dissemos, desde tempos remotos. Mas viera com elle no mesmo navio, não sei fazer o quê, uma certa Maria da hortaliça, quitandeira das praças de Lisboa, saloia rochonehuda e bonitota. O Leonardo, fazendo-se-lhe justiça, não era nesse tempo de sua mocidade mal apessoado, e sobretudo era maganão. Ao sahir do Tejo, estando a Maria encostada á borda do navio, o Leonardo fingiu que passava distraído por junto della, e com o ferrado sapatão assentou-lhe uma valente pisadella no pé direito. A Maria, como se já esperasse por aquillo, sorriu-se como envergonhada do gracejo, e deu-lhe tambem em ar de disfarce um trômeno beliscão nas costas da mão esquerda. Era isto uma declaração em forma, segundo os usos da terra: levirão o resto do dia de namorô cerrado; ao anoitecer passou-se a mesma scena de pisadella e beliscão, com a differença de serem desta vez um pouco mais fortes; e no dia seguinte estavam os dous amantes tão extremosos e familiares, que parecião sê-lo de muitos annos.

Quando sahirão em terra começou a Maria a sentir certos enojos: fôrão os dous morar juntos; e dahi a um mez manifestárão-se claramente os effeitos da pisadella e do beliscão: sete mezes depois teve a Maria um filho, formidavel menino de quasi tres palmos de comprido, gordo e vermelho, cabelludo, esperneador e chorão; o qual, logo depois que nasceu, mamou duas horas seguidas sem largar o peito. E este nascimento é certamente de tudo o que temos dito o que mais nos interessa, porque o menino de quem fallamos é o herôe desta historia.

Chegou o dia de baptisar-se o rapaz: foi madrinha a parteira; sobre o padrinho houve suas duvidas: o Leonardo queria que fosse o Sr. Juiz: porém teve de ceder a instancias da Maria e da comadre, que querião que fosse o barbeiro de defronte, que afinal foi adoptado. Já se sabe que houve nesse dia funcção; os convidados do dono da casa, que erão todos d' além-mar, cantavão ao desafio, segundos seus costumes; os convidados da comadre, que erão todos da terra, dansavão o fado. O compadre trouxe a rabeca, que é, como se sabe, o instrumento favorito da gente do officio. A principio o Leonardo quiz que a festa tivesse ares aristocraticos, e propôz que se dansasse o minuete da cõrte. Foi aceita a idéa, ainda que houvesse difficuldade em encontrarem-se pares. Afinal levantaram-se uma gorda e baixa matrona, mulher de um convidado; uma companheira desta, cuja figura era a mais completa antithese da sua; um collega do Leonardo, miudinho pequenino, e com fumaças de gaiato, e o sacristão da Sé, sujeito alto magro e com pretensões de elegante. O compadre foi quem tocou o minuete na rabeca; e o afilhadinho, deitado no collo da Maria, acompachava cada arcada com um guincho e um esperneio. Isto fez com que o compadre perdesse muitas vezes o compasso, e fosse obrigado a recommençar outras tantas.

Depois do minuete foi desaparecendo a cerimonia, e a brincadeira *aferventou*, como se dizia naquelle tempo. Chegaram uns rapazes de viola e machete: o Leonardo, instado pelas senhoras, dicidiu-se a romper a parte lyrica do divertimento. Sentou-se n' um tamborete, em um lugar isolado da sala, e tomou uma viola. Fazia um bello effeito comico vê-lo, em trajes do officio, de casaca, calção e espadim, acompanhando com

um monotonozumzum nas cordas do instrumento o garganteado de uma modinha patria. Foi nas saudades da terra natal que elle achou inspiração para o seu canto, e isto era natural a um bom Portuguez, que o era elle. A modinha era assim.

Quando estava em minha terra,
A acompanhado, ou sozinho,
Cantava de noite e de dia,
Ao pé d' um copo de vinho.

Foi executada com attemção e applaudida com enthusiasmo; sómente quem não pareceu dar-lhe todo o apreço foi o pequeno, que obsequi^{ou}o pae, como obsequiára o padrinho marcando-lhe o compasso a guichos e esperneios. A Maria avermelharão-se-lhe os olhos e suspirou.

O canot do Leonardo foi o derradeiro toque de rebate para esquentar-se a brincadeira, foi o adeus ás ceremonias. Tudo dahi em diante foi borborinho que depressa passou a gritaria e ainda mais depressa a algazarra e não foi ainda mais adiante porque de vez em quando vião-se passar atravez das rotulas da porta e janellas nmas certas figuras que denunciavão que o Vidigal andava perto.

A festa acabou tarde a madrinha foi a ultima que sahiu, deitando a benção ao afilhado e pondo-lhe no cinto um raminho de arruda.

CAPÍTULO II.

PRIMEIRAS INFORTUNIAS.

Passemos por alto sobre os annos que decorrerão desde o nascimento e baptisado do nosso memorando, e vamos encontrá-lo já na idade de sete annos. Digamos unicamente que durante todo este tempo o menino não desmentiu aquillo que annunciára desde que nasceu: atormentava a vizinhança com um choro sempre em oitava alta; era colérico; tinha ogerisa particular á madrinha, a quem não podia encarar, e era estranho até não poder mais.

Logo que pôde andar e fallar tornou-se um flagello; quebrava e rasgava tudo que lhe vinha á mão. Tinha uma paixão decidida pelo chapéo armado do Leonardo; se este o deixava por esquecimento em algum lugar ao seu alcance, tomava-o immediatamente, espánavo com elle todos os moveis, punha-lhe dentro tudo que encontrava, esfregava-o em uma parede, e acabava por varrer com elle a casa; até que a Maria, exasperada pelo que aquillo lhe havia custar aos ouvidos, e talvez ás costas, arrancava-lhe das mãos a victima infeliz.

Era, além de traquinas, guloso; quando não traquinava, comia. A Maria não lhe perdoava; trazia-lhe bem maltratada uma região do corpo; porém elle não se emendava, que era também teimoso, e as travessuras recommençavam mal acabava a dôr das palmadas.

Assim chegou aos 7 annos.

A final de contas a Maria sempre era saloia, e o Leonardo começava a arrepender-se sériamente de tudo que tinha feito por ella e com ella. E tinha razão, porque, digamos depressa e sem mais ceremonias, havia elle desde certo tempo concebido fundadas suspeitas de que era atraído. Havia alguns mezes atraz tinha notado que um certo sargento passava-lhe muitas vezes pela porta, e enfiava olhares curiosos atravez das rotulas: uma occasião, recolhendo-se, parecêra-lhe que o vira encostado á janella. Isto porém passou sem mais novidade.

Depois começou a estranhar que um certo collega seu o procurasse em casa, para tratar de negocios do officio, sempre em horas desencontradas; porém isto também passou em breve. Finalmente aconteceu-lhe por tres ou quatro vezes esbarrar-se junto de casa com o capitão do navio em que tinha vindo de Lisboa e isto causou-lhe sérios cuidados. Um dia de manhã entrou sem ser esperado pela porta a dentro; alguem que estava na sala abriu precipitadamente a janella, saltou por ella para a rua e desapareceu.

A' vista d' isto nada havia a duvidar; o pobre homem perdeu, como se costuma dizer, as estribeiras; ficou cego de ciúme. Largou apressado sobre um banco uns autos que trazia em baixo do braço, e endireitou para a Maria com os punhos cerrados.

— Grandecissima !...

E a injúria que ia soltar era tão grande que o engasgou.... e poz-se a tremer com todo o corpo.

A Maria recuou dous passos e poz-se em guarda, pois também não era das que se receiava com qualquer cousa.

Tira-te lá, ó Leonardo !

— Não chames mais pelo meu nome, não chames..... que tranco-te essa boca a sôcos.....

— Safe-se d'ahi ! Quem lhe mandou pôr-se aos namoricos comigo a bordo ?

Isto exasperou o Leonardo; a lembrança do amor augmentou-lhe a dôr da traição, e o ciúme e a raiva de que se achava possuído transbordarão em sôcos sobre a Maria, que depois de uma tentativa inútil de resistencia desatou a correr, a chorar e a gritar:

— Ai... ai...acuda, Sr. compadre... Sr. compadre !...

Porém o compadre ensaboava nesse momento a cara de um freguez, e não podia larga-lo. Portanto a Maria pagou caro e por junto todas as conchas. Encolheu-se a choramingar em um canto.

O menino assistira a toda esta scena com imperturbavel sangue frio: enquanto a Maria apanhava e o Leonardo esbravejava, este occupava-se tranquillamente em rasgar as folhas dos autos que este tinha largado ao entrar, e em fazer dellas uma grande collecção de cartuchos.

Quando, esmorecida a raiva, o Leonardo pôde ver alguma cousa mais do que seu ciúme, reparou então na obra meritória em que se occupava o pequeno. Enfurece-se de novo: suspendeu o menino pelas orelhas, fê-lo dar no ar uma meia

volta, ergue o pé direito, assenta-lhe em cheio sobre os gluteos atirando-o sentado a quatro braças de distancia.

— Es filho de uma pisadella e de uma beliscão; mereces que um pontape te acabe a casta.

O menino supportou tudo com coragem de martyr, apenas abriu ligeiramente a bocca quando foi levantado pelas orelhas: mal cahiu ergueu-se, embarafustou pela porta fóra, e em tres pulos estava dentro da loja do padrinho e atrancando-se-lhe ás pernas. O padrinho erguia nesse momento por cima da cabeça do freguez a bacia de barbear que lhe tirara dos queixos: com o choque que soffreu a bacia inclinou-se, e o freguez recebeu um baptismo de agua de sabão.

— Ora, mestre, esta não está má !...

— Senhor, balbuciou esto... a culpa é deste endiabrado...

O que é que tens, menino ?

O pequeno nada disse; dirigiu apenas os olhos espantados para defronte, apontando com a mão tremula n' essa direcção.

O compadre olhou tambem, applicou a attenção, e ouviu então os soluços da Maria.

— Ham ! resmungou; ja sei o que ha de ser..... eu bem dizia.... ora ahi ! está !....

E desculpando-se com o freguez sahiu da loja e foi acudir ao que se passava.

Por estas palavras vê-se que elle suspeitára alguma coisa; e saiba o leitor que suspeitára a verdade.

Espiar a vida alheia, inquerir dos escravos o que se passava no interior das casas, era naquelle tempo cousa tão commum e enraizada nos costumes, qui ainda hoje, depois de tan-

tos annos, restão grandes vestígios desse bello habito. Sentado pois no fundo da loja, afiando por disfarce os instrumentos do officio, o Compadre presenciára os passeios do sargento por perto da rotula de Leonardo, as visitas extemporaneas do collega deste, e finalmente os intentos do capitão do navio. Por isso contava elle mais dia menos dia com o que acabava de succeder.

Chegando ao outro lado da rua empurrou a rotula que o menino ao sahir deixára cerrada, e entrou. Dirigiu-se ao Leonardo, que se conservava ainda em posição hostil.

— O' compadre, disse, você perdeu o juizo ?...

— Não foi o juizo, disse o Leonardo em tom dramatico, foi a honra !...

A Maria, vendo-se protegida pela 'presença do compadre, cobrou animo, e altanando-se disse em tom de zombaria:

— Honra !... honra |de meirinho... oral

O volcão de despeito que as lagrimas da Maria tinham apagado um pouco, borbotou de novo com este insulto, que não offendia só um homem, porém uma classe inteira ! Injurias e murros á mistura cahirão de novo sobre a Maria das mãos e da bocca de Leonardo. O compadre, que se interpuzera, levou alguns por descuido; afastou-se pois a distancia conveniente, murmurando despeitado por ver frustrados seus esforços de conciliador:

— Honra de meirinho é como fidelidade de saloia.

Emfim serenou a tormenta: a Maria sentou-se a um canto a chorar e a maldizer a hora em que nascêra, e dia em que pela primeira vez vira o Leonardo, a pisadella, o beliscão

com que tinha começado o namoro a bordo, e tudo mais que a dôr dos murros lhe trazia á cabeça.

O Leonardo, depois de um pouco de calma, teve um momento de exasperação; avermelharão-se-lhe os olhos e as faces, cerrou os dentes, metteu as mãos nos bolsos do calção, inchou as bochechas, e poz-se a balançar violentamente a perna direita. Depois, como tomando uma resolução extrema, juntou as folhas dispersas dos autos que o menino despedaçára, enterrou atravessado na cabeça o chapéu armado, agarrou na bengala, e sahiu batendo com a retula e exclamando:

— Vá-se tudo com os diabos !...

— Vai... vai... exclamou a Maria já de novo em segurança, pondo as mãos nas cadeiras, que o caso não ha de ficar assim... pôr-me as mãos !... ora... vou com isto á justiça...

— Comadre.....

— Nada, não attendo, compadre..... vou com isto á justiça, e apesar de ser elle um meirinhoço muito velhaco, ha de se haver comigo.

— E' melhor não se metter nisto, comadre..... sempre são negocios com a justiça.... o compadre é seu official, e ella ha de punir pelos seus.

As ameaças de Maria não passavão de bravatas que lhe arrancava o despeito, e portanto com mais quatro razões do compadre cedeu, e foi restituida a paz em casa. Houve então larga conferencia entre os dous, no fim da qual o compadre sahiu dizendo:

— Elle ha de voltar..... aquillo é genio.... ha de passar e se não..... o dito está dito; fico com o pequeno.

A Maria mostrou-se satisfeita. Tinha ella suas resoluções tomadas, ou anteriormente ou naquella occasião, e por isso na conferencia que referimos tratára de engodar o compadre e arrancar-lhe a promessa de que no caso de algum desarranjo tomaria a si e cuidaria do filho. Esse desarranjo ella figurára e o compadre acreditára que só partiria de Leonardo; porém o leitor vai ver que o pobre homem era condescendente, e que a Maria tinha razão quando fallára ironicamente em honra de Meirinho.

Toda esta scena que acabamos de descrever passou-se de manhã. A' tardinha o Leonardo entrou pela loja do compadre, afflicto e triste. O pequeno estremeceu no banco em que se achava sentado, lembrando-se do passeio aereo que o pontapé de seu pai lhe fizera dar de manhã. O compadre adiantou-se e disse-lhe com um sorriso conciliador:

— O passado passado; vamos... ella está arrependida... doudices de rapariga.... mas não ha de' fazer outra....

O Leonardo não respondeu; poz-se a passear pela loja com as mãos cruzadas para traz e por baixo das abas da casaca; porém pelo seu semblante via-se que elle estimára as palavras do compadre, e que seria o primeiro a pronuncia-las si elle não o precedesse.

— Vamos até lá, disse o compadre, e acabe-se tudo ! Colta-da !... ella ficou muito chorosa.

— Vamos, disse o Leonardo!...

Chegando á porta de casa fez uma pequena parada como quem tinha tomado a resolução de não entrar; mas o que elle queria erão algumas supplicas do compadre, que podessem ser ouvidas pela Maria; afim de faze-la acreditar que se elle

voltava era arrastado, e não por sua vontade. O compadre percebeu isto, e satisfez o pensamento de Leonardo dizendo:

Entre, homem..... basta de brincadeiras..... o passado passado.

Entrarão. A sala estava vazia; o Leonardo sentou-se junto de uma mesa, descansou o rosto n' uma das mãos, conservando sempre o chapéo armado atravessado na cabeça, o que lhe dava um aspecto entre comico e melancolico.

— Comadre, disse em voz alta o agente da conciliação, tudo está acabado; venha cá....

Ninguém respondeu.

— Ha de estar ahi a chorar mettida em algum canto, tornou o compadre.

E começou a procurar por toda a casa.

Não era esta mui grande; em pouco percorreu-a toda, e ficou tomado do más cruel desapontamento por não encontrar a Maria. Voltou portanto á sala entre consternado e espantado

O Leonardo, suppondo que elle tinha achado a Maria, e que sem duvida a trazia pela mão contricta e humilhada, quiz fazer-se de bom: ergueu-se, metteu as mãos nos bolsos, e poz-se de costas para o lugar donde vinha o compadre.

— O' compadre, disse este aproximando-se.....

— Nada, atalhou o Leonardo sem voltar-se..... o dito por não dito..... mudei de resolução !

— Olhe, homem....

— Nada, nada... está tudo acabado.....

O Leonardo, dizendo isto, ia dando sempre as costas ao compadre, quando se lhe queria pôr de frente.

— Homem... escute... olhe que a comadre...

— Não quero saber della... está tudo acabado; e já disse...

— Foi-se embora... homem... . foi-se embora, gritou o compadre impacientado.

O Leonardo foi fulminado por estas palavras; voltou-se então todo tremulo. Não vendo a Maria desatou a chorar.

Pois bem, disse entre soluços, está tudo acabado..... adeus compadre !

— Mas olhe que o pequeno... atalhou este. O Leonardo nada respondeu, e sahio precipitadamente.

O compadre comprehendeu tudo: viu que o Leonardo abandonava o filho, uma vez que a mãe o tinha abandonado, e fez um gesto como quem queria dizer:— está bom, já agora. ... vá; ficaremos com uma carga às costas.

Ao outro dia sabia-se por toda a vizinhança que a moça do Leonardo tinha fugido para Portugal com o capitão do navio que partira na vespera de noite.

— Ah ! disse o compadre com um sorriso maligno, ao saber a noticia, forão saudades da terra!...



CAPITULO II.

DESPEDIDA ÁS TRAVESSURAS.

O Leonardo abandonara de uma vez para sempre a casa fatal onde tinha soffrido tamanha infelicidade; nem mesmo passara mais por aquellas alturas; de maneira que o compadre por muito tempo não lhe pôde por a vista em cima.

O pequeno, emquanto se achou novato em casa do padrinho, portou-se com toda a sisudez e gravidade; apenas porém foi tomando mais familiaridade, começou a pôr as manguinhas de fóra. Apesar disto porem captou do padrinho maior affeição, que se foi augmentando de dia em dia, e que em breve chegou ao extremo da amizade cega e apaixonada. Até nas proprias travessuras do menino, as mais das vezes malignas, achava o bom do homem muita graça; não havia para elle em todo o bairro rapazinho mais bonito, e não se fartava de contar á visinhança tudo o que elle dizia e fazia; ás vezes erão verdadeiras acções de menino mal-criado, que elle achava cheio de espirito e de viveza; outras vezes erão ditos que denotavão já muita velhacaria para aquella idade, e que elle julgava os mais ingenuos do mundo.

Era isto natural em um homem de uma vida como a sua; ti-

nha já 50 e tantos annos, nunca tinha tido afeições; passára sempre só e isolado; era verdadeiro partidario do mais decidido celibato. Assim á primeira afeição que fôra levado a contrahir, sua alma expandiu-se toda inteira, e seu amor pelo pequeno subiu ao gráu de rematada cegueira. Este, aproveitando-se da immuniidade em que se achava por tal motivo, fazia tudo quanto lhe vinha á cabeça.

umas vezes sentado na loja divertia-se em fazer caretas aos freguezes quando estes se estavam barbeando. Uns enfurecião-se, outros rião sem querer; do que resultava que sahião muitas vezes com a cara cortada, com grande prazer do menino e descredito do padrinho. Outras vezes escondia em algum canto a mais afiada navalha do padrinho, e o freguez levava por muito tempo com a cara cheia de sabão mordendo-se de impaciencia enquanto este a procurava; elle ria-se furtiva e malignamente. Não parava em casa cousa alguma por muito tempo inteira; fazia andar tudo n' uma poeira; pelos quintaes atirava pedras aos telhados dos vizinhos; sentado á porta da rua, entendia com quem passava e com quem estava pelas janellas, de maneira que ninguem por alli gostava d'elle. O padrinho porem não se dava disto, e continuava a querer-lhe sempre muito bem. Gastava ás vezes as noites em fazer castellos no ar a seu respeito; sonhava-lhe uma grande fortuna e uma elevada posição, e tratava de estudar os meios que o levassem a esse fim. Eis aqui pouco mais ou menos o fio dos seus raciocinios. Pelo officio do pai... (pensando elle) ganhase, é verdade, dinheiro quando se tem *geito*, porém sempre se ha de dizer: — ora, é um meirinho !... Nada... por este lado não... Pelo meu officio... verdade é que eu arranjei-me (ha

neste *arranjei-me* uma historia que havemos de contar), porem não o quero fazer escravo dos quatro vinténs dos freguezes... Seria talvez bom manda-lo ao estudo..... porem para que diabo serve o estudo? Verdade é que elle parece ter boa memoria, e eu podia mais para diante manda-lo a Coimbra... Sim, é verdade... eu tenho aquellas patacas; estou já velho, não tenho filhos nem outros parentes... mas tambem que diabo se fará elle em Coimbra? licenciado não: é máo officio; letrado? era bom... sim, letrado..... mas não; não, tenho zanga a quem me lida com papéis e demandas... Clerigo?... um senhor Clerigo é muito bom... é uma coisa muito séria.. ganha-se muito... póde vir um dia a ser cura. Está dito, ha de ser clerigo.... ora, se ha de ser: hei de ter ainda o gostinho de o ver dizer missa... de o ver pregar na Sé, e então hei de mostrar a toda essa gentilha aqui da visinhança que não gosta d'elle que eu tinha muita razão em lhe querer bem. Elle está ainda muito pequeno, mas vou tratar de o ir desasnando aqui mesmo em casa, e quando tiver 12 ou 14 annos ha de me entrar para a escola.

Tendo ruminado por muito tempo esta idéa, um dia de manhã chamou o pequeno e disse-lhe:

— Menino, venha cá, você está ficando um homem (tinha elle 9 annos.); é preciso que aprenda alguma cousa para vir um dia a ser gente; de segunda feira em diante (estava em quarta-feira) começarei a ensinar-lhe o b-a, ba. Farte-se de travessuras por este resto da semana.

O menino ouviu este discurso com um ar meio admirado, meio desgostoso, e respondeu:

— Então eu não hei de hir mais ao quintal; nem hei de brincar na porta?

— Aos domingos, quando voltarmos da missa....

— Ora, eu não gosto da missa

O padrinho não gostou da resposta; não era bom annuncio para quem se destinava a ser padre; mas nem por isso perdeu as esperanças.

O menino tomou bem sentido nestas palavras do padrinho: « Farte-se de travessuras por este resto da semana. » e acreditou que aquillo era uma licença ampla para fazer tudo quanto de bom e de máo lhe lembrassem durante o tempo que ainda lhe restava de folga. Levou pois todo o dia em uma desenvoltura assustadora; o padrinho foi acha-lo por duas ou tres vezes a cavallo em cima do muro que dividia o quintal da casa do vizinho, em grande risco de precipitar-se,

Ao anoitecer, estando sentado á porta da loja, viu ao longe no principio da rua um acompanhamento allumiado pela luz de lanternas e tochas; e ouviu padres a rezarem; estremeceu de alegria e poz-se em pé de um salto. Era a Via-Sacra do bom-Jesus.

Ha hem pouco tempo que existião ainda em certas ruas desta cidade cruces negras pregadas pelas paredes de espaço em espaço.

As quartas-feiras e em outros dias da semana sahia do Bom-Jesus e de outras igrejas uma especie de procissão composta de alguns padres conduzindo cruces, irmãos de algumas irmandades com lanternas, e povo com grande quantidade; os padres rezavão e o povo acompanhava a reza. Em cada cruz parava o acompanhamento, ajoelhavão-se todos e or-a

vão durante muito tempo. Este acto, que satisfazia a devoção dos carolas, dava pasto e occasião a quanta sorte de zombaria e immoralidade lembrava aos rapazes daquelle época, que são os velhos de hoje, e que tanto clamão contra o desrespeito dos moços de agora. Caminhavão elles em charrola atraz da procissão, interrompendo a cantoria com ditte-rios em voz alta, ora simplesmente engraçados, ora pouco decentes; levavão longos fios de barbante, em cuja extremidade ião penduradas grossas bolas de cera. Se ia por ali ao seu alcance algum infeliz, a quem os annos tivessem despido a cabeça dos cabellos, collocavão-se em distancia conveniente, e escondidos por traz de um ou de outro, arremessavão o projectil que ia bater em cheio sobre a calva do devoto; puxavão rapidamente o barbante, e ninguém podia saber d' onde tinha partido o golpe. Estas e outras scenas excitavão vozeria e gargalhadas na multidão, .

Era a isto que naquelles *devotos* tempos se chamava correr a Via-Sacra.

O menino, como já dissemos, estremeceâ de prazer ao ver aproximar-se a procissão. Desceu sorrateiramente a soleira, e sem ser visto pelo padrinho collocou-se unido á parede entre as duas portas da loja, levantando-se na ponta dos pés para ver mais a seu gosto.

Vinha approximando-se o acompanhamento, e o menino palpitava de prazer. Chegou mesmo defronte da porta; teve elle então um pensamento que o fez estremecer; tornou-se a lembrar das palavras do padrinho: «farte-se de travessuras;» espiou para dentro da loja, viu-o entretido, deu um salto do lugar onde estava, misturou-se com a multidão, e lá foi con-

correndo com suas gargalhadas e seus gritos para augmentar a vozeria. Era um prazer febril que elle sentia; esqueceu-se de tudo, pulou, saltou, gritou, rezou, cantou, e só não fez daquillo o que não estava em suas forças. Fez camaradagem com dous outros meninos do seu tamanho que tambem não no rancho, e quando deu accordo de si estava de volta com a Via-Sacra na Igreja do Bom-Jesus.



CAPITULO IV.

FORTUNA.

Emquanto o compadre, afflicto, procurava por toda a parte o menino, sem que ninguem possa dar-lhe novas d'elle, vamos ver o que é feito do Leonardo, e em que novas alhadas está agora mettido.

Lá para as bandas do mangue da Cidade Nova havia, ao pé de um charco, uma casa coberta de palha da mais feia apparencia, cuja frente suja e testada enlameada bem denotavão que dentro o asseio não era muito grande. Compunha-se ella de uma pequena sala e um quarto; toda a mobilia erão dous ou tres assentos de pão, algumas esteiras em um canto, e uma enorme caixa de pão, que tinha muitos empregos; era mesa de jantar, cama, guarda roupa e prateleira. Quasi sempre estava essa casa fechada, o que a rodeava de um certo mysterio. Esta sinistra morada era habitada por uma personagem talhada pelo modo mais detestavel; era um caboco velho, de cara hedionda e immunda, e coberto de farrapos. Entretanto, para a admiração do leitor, fique-se sabendo que este homem tinha por officio *dar fortuna* !

Naquelle tempo acreditava-se muito nestas cousas, e uma

sorte de respeito supersticioso era tributado aos que exercião semelhante profissão. Já se vê que inesgotavel mina não achavão nisso os industriosos !

E não era só a gente do povo que dava credito ás *feiticarias*; conta-se que muitas pessoas da alta sociedade de então ião ás vezes comprar venturas e felicidades pelo commodo preço da pratica de algumas immoralidades e superstições.

Pois o nosso amigo Leonardo tinha-lhe tambem dado na cabeça tomar fortuna, e tinha isso por causa contrariedades que soffria em uns novos amores que lhe fazião agora andar a cabeça á roda.

Tratava-se de uma cigana; o Leonardo a vira pouco tempo depois da fuga da Maria, e das cinzas ainda quentes de um amor mal pago nascêra outro que tambem não foi a esse respeito melhor aquinhoado; mas o homem era romantico, como se diz hoje, e babão, como se dizia naquelle tempo; não podia passar sem uma paixãozinha. Como o officio rendia, e elle andava sempre apatacado, não lhe fôra difficel conquistar a posse do adorado objecto; porem a fidelidade, a unidade no gozo, que era o que sua alma aspirava, isso não o podera conseguir: a cigana tinha pouco mais ou menos sido feita no mesmo molde da saloia. Por toda a parte ha sargentos, collegas e capitães de navio; a rapariga tinha-lhe já feito umas poucas, e acabava tambem por fugir-lhe de casa. Desta vez porem, como não erão saudades da patria a causa desta fugida, o Leonardo decidira haver de novo e por todos os meios a posse de sua amada. Encontrou-a com pouco trabalho, e empregando o pranto, as supplicas; as ameaças, porém tudo

em balde, decidiu por isso a buscar com meios sobrenaturaes o que os meios humanos lhe não tinham podido dar.

Entregou-se portanto em corpo e alma ao caboclo da casa do mangue, o mais afamado de todos os do officio. Tinha-se já sujeitado a uma infinidade de provas, que começavam sempre por uma contribuição pecuniaria, e ainda nada havia conseguido; tinha soffrido fumigações de ervas suffocantes, tragado beberagens de mui enjoativo sabor; sabia de cór milhares de orações mysteriosas, que era obrigado a repetir muitas vezes por dia; hia depositar quasi todas as noites em lugares determinados quantias e objectos com o fim de chamar em auxilio, dizia o caboclo, as suas divindades; e apezar de tudo a cigana resistia ao sortilegio. Decidiu-se finalmente a sujeitar-se á ultima prova, que foi marcada para a meia-noite em ponto na casa que já conhecemos. Á hora aprazada lá se achou o Leonardo; encontrou na porta o nojento nigromante, que não consentiu que elle entrasse do modo em que se achava, e obrigou-o a pôr-se primeiro em habitos de Adão no paraíso, cobriu-o depois com um manto immundo que trazia, e só então lhe franqueou entrada.

A sala estava com um apparato ridiculamente sinistro, que não nos cançaremos em descrever; entre outras cousas. cuja significação só conheciam os iniciados nos mysterios do caboclo, havia no meio uma pequena fogueira.

Começando a cerimonia o Leonardo foi obrigado a ajoelhar-se em todos os angulos da casa, e recitar as orações que já sabia e mais algumas que lhe forão ensinadas na occasião, depois foi orar junto da fogueira. Neste momento sahirão do quarto tres novas figuras, que vierão tomar parte na ceremo-

nia, e começarão então, acompanhando-os o supremo sacerdote, uma dança sinistra em roda do Leonardo. De repente sentirão bater levemente na porta da parte de fóra, e uma voz descansada dizer:

— Abra a porta.

— O Vidigal! disserão todos a um tempo, tomados do maior susto.



CAPITULO V,

O VIDIGAL

O som daquella voz que dissera « abra a porta » lançara entre elles, como dissemos, o espanto e o medo. E não foi sem razão; era ella o annuncio de um grande aperto, de que por certo não poderião escapar. Nesse tempo ainda não estava organisada a policia da cidade, ou antes estáva-o de um modo em harmonia com as tendencias e idéas da época. O major Vidigal era o rei absoluto, o arbitro supremo de tudo que dizia respeito a esse ramo de administração; era o juiz que julgava e distribuia a pena, e ao mesmo tempo o guarda que dava caça aos criminosos; nas causas da sua immensa alçada não havião testemunhas, nem provas; nem razões, nem processo; elle resumia tudo em si; a sua *justiça* era infallivel; não havia apellação das sentenças que dava, fazia o que queria, e ninguem lhe tomava contas. Exercia emfim uma especie de inquirição policial. Entretanto, façamos-lhe justiça, dados os descontos necessarios ás idéas do tempo, em verdade não abusava elle muito de seu poder, e o empregava em certos casos muito bem empregado.

Era o Vidigal um homem alto, não muito gordo, com ares de moleirão; tinha o olhar sempre baixo, os movimentos lentos, e voz descansada e adocicada. Apesar deste aspecto de mansidão, não se encontraria por certo homem mais apto para o seu cargo, exercido pelo modo que acabamos de indicar.

Uma companhia ordinariamente de granadeiros, ás vezes de outros soldados que elle escolhia nos corpos que havião na cidade, armados todos de grossas chibatas, commandada pelo major Vidigal, fazia toda a ronda da cidade de noite, e toda a mais policia de dia. Não havia beco nem travessa, rua nem praça, onde não se tivesse passado uma façanha do Sr. major para pilhar um maroto ou dar caça a um vagabundo. A sua sagacidade era proverbial, e por isso só o seu nome incutia grande terror em todos os que não tinham a consciencia muito pura a respeito de falcatruas.

Se no meio da algazarra de um fado rigoroso, em que a decencia e os ouvidos dos vizinhos não erão muito respeitados, ouvia-se dizer « está ali o Vidigal, » mudavão-se repentinamente as scenas; serenava tudo em um momento, e a festa tomava logo um aspecto serio. Quando alguns dos *patuscos* daquelle tempo (que não gozava de grande reputação de activo trabalhador) era sorprendido de noite de capote sobre os hombrós e viola a tiraçolo, caminhando em busca de sucia, por uma voz branda que lhe dizia simplesmente « venha cá; onde vai ? » o unico remedio que tinha era fugir, se podesse, porque com certeza não escapava por outro meio de alguns dias de cadeia, ou pelo menos da *casa da guarda na Sé*; quando não vinha o *covado e meio ás costas*, como consequencia necessária.

Foi por isso que os nossos magicos e a sua infeliz victima puzerão-se em debandada mal conhecerão pela voz quem se achava com elles. Quizerão escapar-se pelos fundos da casa porem ella estava toda cercada de granadeiros, em cujas mãos se vião a arma de que acima fallamos. A porta abriu-se sem muita resistencia, e o major Vidigal (porque era com effeito elle) com os seus granadeiros achou-os em flagrante delicto de nigromancia: estava ainda acesa a fogueira, e os mais objectos que servião ao sacrificio.

— Oh ! disse elle, por aqui dá-se fortuna, ..

— Sr. major, pelo amor de Deus...

— Eu tinha desejos de ver como era isso; continuem ... sem cerimonia, vamos.

Os infelizes hesitarão um pouco, porem vendo que resistir seria inutil, começarão de novo as ceremonias, de que os soldados se rião, antevendo talvez qual seria o resultado. O Leonardo estava corrido de vergonha, tanto mais porque o conhecia; e procurava cobrir-se do melhor modo com a sua immunda capa. Ajoelhou-se quasi arrastado outra vez no mesmo lugar; e recommçou a dansa, a que o Major assistia de braços cruzados e com ar pachorrento. Quando os sacrificadores, julgando que já tinham dansado sufficientemente, tentaram parar, o major disse brandamente:

-- Continuem.

Depois de muito tempo quizerão parar de novo.

— Continuem, disse outra vez o major

Continuarão por mais meia hora; passado esse tempo, já muito cansados, tentarão dar fim.

— Ainda não; continuem.

Continuarão por tempos esquecidos, já estavam que não podião de estafados; o nosso Leonardo, ajoelhado ao pé da fogueira, quasi que se desfazia em suor. Afinal o major deu se por satisfeito, mandou que parassem, e sem se alterar disse para os soldados, com a sua voz doce e pausada:

—Toca, granadeiros.

A esta voz todas as chibatas erguerão-se, e cahirão de riço sobre as costas daquella *honest*a gente, fizerão-na dançar e sem querer por algum tempo.

--Pára, disse o major depois de um bom quarto de hora.

Começou então a fazer a cada um um sermão, em que se mostrava muito seutido por ter sido obrigado a chegar áquellê excesso, e que terminava sempre por esta pergunta:

--Então você em que se occupa?

Nenhum delles respondia. O major sorria-se e accrescentava com riso sardonico:

--- Está bom !

Chegou a vez do Leonardo.

Pois homem, você um official de justiça, que devia dar, o exemplo...

Sr. major, respondeu elle acabrunhado, é o diabo daquella rapariga que me obriga a tudo isto; já não sei de que meios use.....

•--- Você ha de ficar curado ! Vamos para a casa da guarda.

Com esta ultima decisão o Leonardo desesperou. Perdoaria de bom grado as chibatadas que levára, contanto que ellas ficassem em segredo; mas ir para a casa da guarda, e della talvez para a cadêa ... isso é que elle não podia tolerar. Rogou ao major que o poupasse; o major foi inflexivel. Desfez então a

vergonha em pragas á maldita cigana que tanto o fazia soffrer.

A casa da guarda era no largo da Sè; era uma especie de deposito onde se guardavão os presos que se fazião de noite, para se lhes dar depois conveniente destino. Já se sabe que os amigos de novidades ião por ali de manhã e sabião com facilidade tudo que se tinha passado na noite antecedente.

Ahi esteve o Leonardo o resto da noite e grande parte da manhã, exposto á vistoria dos curiosos. Por infelicidade sua passou por acaso um collega, e vendo-o entrou para fallar-lhe, isto quer dizer que dahi a pouco toda a illustre corporação dos meirinhos da cidade sabia do occorrido com o Leonardo, e já se preparava para dar-lhe uma solemne pateada quando o negocio mudou de aspecto e o Leonardo foi mandado para a cadêa.

Apparentemente os companheiros mostrarão-se sentidos, porém secretamente não deixarão de estimar o contratempo porque o Leonardo era muito afreguezado, e em quanto estava elle preso as partes os procuravão.



CAPITULO VI,

PRIMEIRA NOITE FORA DE CASA.

O compadre, apenas dera por falta do afilhado, viu-se preso da maior afflicção: poz em alarma toda a vizinhança, procurou, indagou, mas ninguem lhe deu novas nem mandados d' elle. Lembrou-se então da Via-Sacra, e imaginou que o pequeno a teria acompanhado; percorreu todas as ruas por onde passára o acompanhamento, perguntando afflicto a quantos encontrava pelo thesouro precioso de suas esperanças; chegou sem encontrar vestigio algum até o Bom-Jesus, onde lhe disserão ter visto tres meninos que, por se portarem endiabradamente na occasião da entrada da Via-Sacra o sacristão os corrêra para fóra da igreja.

Foi este unico signal que pôde colher.

Vagou depois por muito tempo pela rua, e só se recolheu para casa estando já a noite adiantada. Ao chegar á porta de casa abriu-se o postigo de uma rotula contigua, e uma voz de mulher perguntou: Então vizinho, nada?

-- Nada, vizinha, respondeu o compadre com voz desanimada.

— Ora, quando eu lhe digo que aquella criança tem máos bofes.

— Vizinha, isto não são cousas que se digão...

— Digo-lhe e repito-lhe que tem máos bofes..

Deus permitta que não, mas áquillo não tem bom fim...

— Oh ! senhora, replicou o compadre muito irritado, que tem a senhora com a minha vida e mais das cousas que me pertencem ? Metta-se comsigo, cuide nos seus bilros e na sua rênda, e deixe a vida alheia.

Entrou depois para casa murmurando:

— Um dia faço aqui uma estrallada com esta mulher: é sempre isto ! parece um agouro !

Toda a noite levou o pobre homem acordado a pensar nos meios de achar o pequeno : e depois de ter formado mil planos, disse comsigo.

— Em ultimo logar vou ter com o major Vidigal.

Espero que o dia voltasse para proseguir em suas pesquisas. Entretanto vamos satisfazer ao leitor, que hade talvez ter curiosidade de saber onde se metheu o pequeno.

Com os emigrados de Portugal veio também para o Brasil a praga dos Ciganos. Gente ociosa e de poucos escrupulos, ganhárão elles aqui reputação bem merecida dos mais refinados velhacos: ninguem que tivesse juizo se mettia com elles em negocio, porque tinha certeza de levar carô-lo. A poesia de seus costumes e de suas crenças, de que muito se falla, deixarão-na da outra banda do oceano ; para cá só trouxerão máos habitos, esperteza e velhacaria, e se não, o nosso Leonardo pôde dizer alguma cousa a

respeito. Vivião em quasi completa ociosidade ; não tinham noite sem festa. Moravão ordinariamente um pouco arredados das ruas populares, e vivião em plena liberdade. As mulheres trajavão com certo luxo relativo aos seus haveres: usavão muito de rendas e fitas ; davão preferencia a tudo quanto era encarnado, e nenhuma dellas dispensava pelo menos um cordão de ouro ao pescoço; os homens não tinham outra distincção mais do que alguns traços physionomicos particulares que os fazião conhecidos.

Os dous meninos com quem o pequeno fugitivo travára amizade pertencião a uma familia dessa gente que morava no largo do Rocio, logar que tinha por isso até algum tempo o nome de campo dos Ciganos. Tinhão esses meninos, como dissenos, pouco mais ou menos a mesma idade que elle: porém acostumados á vida vagabunda, conhecião toda a cidade, e a percorrião sós, sem que isso causasse cuidado a seus pais; nunca faltavão a acompanhamento de Via-Sacra, nem a outra qualquer cousa desse genero. Encontrando-se nessa noite, como já sabem os leitores, com o nosso futuro clérigo, a elle se associarão e o carregarão para casa de seus pais, onde como de costume havia festa de ciganos, (e este costume ainda hoje se conserva); fazião, dissemos, festa todos os dias, porém motivavão-na sempre. Hoje era um baptisado, amanhã um casamento, agora annos deste, logo annos daquelle; festa deste, festa daquelle santo. Na noite de que tratamos havia um oratorio armado, festejava-se um santo de sua devoção ; não lhe sabemos o nome.

Pelo caminho o menino teve alguns escrúpulos e quiz voltar, porém os outros tal pintura lhe fizerão do que elle já ver se os acompanhasse, que dicidiu-se a segui-los até onde quizessem.

Chegárão enfim á casa, onde já tinha começado a festa.

Ao lado esquerdo da sala estava o oratório illuminado por algumas pequenas velas de cêra, sobre uma mesa coberta com uma toalha branca. servia-lhe de espaldar uma colcha de chita com folhos. Em roda da sala estavão, collocados assentos de toda a natureza, bancos, cadeiras etc, onde se assentavão os convidados. Não erão estes em pequeno numero, erão ciganos e gente do paiz; trazião *toilietes* de toda a casta, do soffrivel para baixo; mostravão-se alegres e dispostos a aproveitarem bem a noite.

Os meninos entrárão sem que alguem reparasse neles, e forão collocar-se juntos do oratorio.

Dahi pouco começou o fado.

Todos sabem o que é fado, essa dansa tão voluptuosa, tão variada, que parece filha do mais apurado estudo da arte. Uma simples viola serve melhor do que instrumento algum para o effeito.

O fado tem diversas fórmãs, cada qual mais original. Ora, uma só pessoa, homem ou mulher, dansa no meio da casa por algum tempo, fazendo passos os mais difficiltoz, tomando as mais airozas posições, acompanhando tudo isso com estalos, que dá com os dedos, e vai depois pouco e pouco approximando-se de qualquer que lhe agrada; fa-zlhe diante algumas negaças e viravoltas, e finalmente bate

palmas, o que quer dizer que a escolheu para substituir o seu lugar.

Assim corre a roda toda até que todos tenham dançado.

Outras vezes um homem e uma mulher dançam juntos seguindo com a maior certeza o compasso da musica, ora acompanham-se a passos lentos, ora apressados, depois repellam-se, depois juntam-se; o homem ás vezes busca a mulher com passos ligeiros, enquanto ella, fazendo um pequeno movimento com o corpo e com os braços, recua vagarosamente, outras vezes é ella quem procura o homem, que recua por seu turno até que enfim acompanham-se de novo.

Ha tambem a roda em que dançam muitas pessoas, interrompendo certos compassos com palmas e com um sapateado ás vezes mais brando e mais breve, porém sempre igual e a um só tempo.

Além destas ha ainda outras fórmulas de que não fallámos. A musica é differente para cada uma, porém sempre tocada em viola. Muitas vezes o tocador canta em certos compassos uma cantiga ás vezes de pensamento verdadeiramente poetico.

Quando o fado começa custa a acabar; termina sempre pela madrugada, quando não leva de enfiada dias e noites seguidas e inteiras.

O menino, esquecido de tudo pelo prazer, assistiu á festa em quanto pode; depois chegou-lhe o somno, e reunindo-se com os companheiros em um canto, adormecerão todos balmados pela viola e pelo sapateado.

Quando amanheceu acordou sarapantado; chamou um dos companheiros, e pediu que o levasse para casa.

d O padrinho ia sahindo para começar nas pesquisas quando esbarrou com elle.

— Menino dos trezentos... onde te metteste tu?...

— Fui ver um oratorio.... Não diz que eu hei de ser padre? !...

O padrinho olhou-o por muito tempo, e afinal, não podendo resistir ao ar de *ingenuidade* que elle mostrava, desahou a rir, e levou-o para dentro já completamente apaziguado.



CAPITULO VII,

A COMADRE.

Cumpre-nos agora dizer alguma cousa a respeito de uma personagem que representará no correr desta historia um importante papel, e que o leitor apenas conhece, porque nella tocámos de passagem no primeiro capitulo: é a comadre, a parteira que como dissemos, servira de madrinha ao nosso memorando.

Era a comadre uma mulher baixa, excessivamente gorda bonanchona, ingenua ao toda até um certo ponto, e finoria até outro; vivia do officio de parteira, que adoptára por curiosidade, e benzia de quebranto; todos a conheciam por muito beata e pela mais desabrida papa-missas da cidade. Era a folhinha mais exacta de todas as festas religiosas que aqui se fazião; sabia de cór os dias em que se dizia missa em tal igreja, como a hora e até o nome do padre; era pontual á ladainha, ao terço, á novena, ao septenario; não lhe escapava Via-Sacra, procissão nem sermão; trazia o tempo habilmente distribuido e as horas combinadas, de maneira que nunca lhe aconteceu chegar á igreja e achar já a missa no altar. De madrugada co-

meçava pela missa da Lapa; apenas acabava ia á das 8 na Sé, e dahi sahindo pilhava ainda a das 9 em Santo Antonio. O seu traje habitual era, como o de todas as mulheres da sua condição e esfera, uma saia de lila preta, que se vestia sobre um vestido qualquer, um lenço branco muito teso e engommado ao pescoço, outro na cabeça, um rosario pendurado no còs da saia, um raminho de arruda atrás da orelha, tudo isto coberto por uma classica mantilha, junto à renda da qual se pregava uma pequena figa de ouro ou de osso. Nos dias duplices, em vez de lenço à cabeça, o cabello era penteado e seguro por um enorme pente cravejado de chrysolitas.

Este uso da familia era um arremedo do uso hespanhol; porém a mantilha hespanhola, temos ouvido dizer, é uma cousa poetica que reveste as mulheres de um certo mysterio, e que lhes realça a belleza; a mantilha das nossas mulheres, não; era a cousa mais prosaica que se pode imaginar, especialmente quando as que as trazião erão baixas e gordas como a comadre. A mais brilhante festa religiosa (que erão as mais frequentadas então) tomava um aspecto lugubre logo que a igreja se enchia daquelles vultos negros, que se união uns aos outros, que se inclinavão cochichando a cada momento.

Mas a mantilha era o traje mais conveniente aos costumes da época; sendo as acções dos outros o principal cuidado de quasi todos, era muito necessario ver sem ser visto. A mantilha para as mulheres estava na razão das rotulas para as casas; erão o observatorio da vida alheia. Muito agitada e cheia de accidentes! era a vida que levava

a comadre, de parteira; beata e curandeira de quebranto; não tinha por isso muito tempo de fazer visitas e procurar os conhecidos e amigos. Assim não procurava o Leonardo muitas vezes; havia muito tempo que não sabia noticia d'elle, nem da Maria, nem do afilhado, quando um dia na Sé ouviu entre duas beatas de mantilha a seguinte conversa:

— E' o que lhe digó: a saloiasinha era da pelle do tinnoso !

— E parecia uma santinha.... e o Leonardo o que lhe fez?

— Ora, desancou-a de murros, e foi o que fez com que ella abalasse mais depressa com o capitão... pois olhe, não teve razão; o Leonardo é um rapagão; ganhava boas patacas, e tratava della como de uma senhora !...

— E o filho... que assim mesmo pequeno era um malcriadão...

— O padrinho tomou conta d'elle ; quer-lhe um bem extraordinario... está maluco o coitado do homem, diz que o menino ha] de por força ser padre, se elle é um endiabrado !...

Nesta occasião levantava-se a Deus, e as duas beatas interromperão a conversa para bater nos peitos.

Era uma dellas a visinha do compadre, que prognosticava máo fim ao menino, e com quem elle promettêra fazer uma estralada: a outra era uma das que tinham estado na função do baptismo.

A comadre, apenas ouviu isto, foi procurar o compadre; não se pense por quem a levára a isso outro interesse que não fosse a curiosidade, queria saber o caso com todos os menores detalhes; isso lhe dava longa materia para a conversa na

igreja, e para entreter as parturientes que se confiavam aos seus cuidados. Entrou pela loja do barbeiro, e apenas o avistou foi-lhe dizendo:

— Então, com que a tal comadre pregou-nos o mono? Veja o que são doudices; fazer aquillo ao Leonardo, um homem que não é mal arranjado.... filho do Reino....

— Apertára-lhe as saudades da terra, disse o compadre com sorriso maligno.

Apertada se veja ella entre as unhas do tinhoso! Olhem que joiazinha.... E você, mestre ficou com a carga ás costas....

— Carga, não... eu quero-lhe bem, elle é socegado-nho...

Começou então um interrogatorio minucioso ácerca do que tinha succedido em casa do Leonardo; e os dous, compadre e comadre, desabafarão a seu gosto. Depois o compadre narrou, mesmo sem ser interrogado, todos as gentilezas do afilhado, e contou suas intenções a respeito d'elle. A comadre não concordou com ellas (o que nada agradou ao compadre), não via o menino com geito para padre; achava melhor mettê-lo na Conceição a aprender um officio. O compadre porém persistiu em seus intentos, que tinha muita esperança de ver realizados. A final a comadre retirou-se.

Pelo caminho foi repetindo o que acabára de saber a quanto conhecido encontrou, sem escrupulizar muito em accrescentar mais uma ou outra circumstancia com que carregava as côres do quadro.

Entretanto o compadre applicava-se a trabalhar na rea-

lização de seus intentos, e começou por ensinar o A B C ao menino ; porém, primeira contrariedade, este impacou no F , e nada o fazia passar adiante.

A comadre continuou a apparecer dahi em diante por um motivo que mais tarde se saberá.

Por agora vamos continuar a contar o que era feito do Leonardo.



CAPITULO VIII

O PATEO DÓS BICHOS

Ainda hoje existe no saguão do paço imperial, que no tempo em que se passou esta nossa historia se chamava palacio d' el-rey uma saleta ou quarto que os gaiatos e o povo com elles denominavão o *Pateo dos Bichos*. Este appellido lhe fôra dado em consequencia do fim para que elle então servia: passavão ali todos os dias do anno tres ou quatro officiaes superiores, velhos, incapazes para a guerra e inuteis na paz, que o rei tinha a seu serviço não sabemos se com mais alguma vantagem de soldo, ou se só com mais a honra de serem empregados no real serviço. Bem poucas vezes havia occasião de serem elles chamados por ordem real para qualquer cousa, e todo o tempo passavão em santo ocio, ora mudos e silenciosos ora conversando sobre cousas do seu tempo, e censurando as do que com razão já não suppunhão seu, porque nenhum delles era menor de 60 annos. A's vezes acontecia adormecerem todos ao mesmo tempo, e então com a resonancia de suas respirações passando pelos narizes atabacados, entoavão um quarteto, pedaço impagavel, que os officiaes e soldados que estavão de guar-

da, criados e mais pessoas que passavão, vinhão apreciar á porta. Erão os pobres homens muitas vezes victimas de caçoadas que naquelle tempo de poucas preocupações erão o objecto de estudo de muita gente.

A's vezes qualquer que os pilhava dormindo chegava á porta e gritava :

— Sr. tenente coronel, el-rei procura V. S. Qualquer delles acordava espantado, tomava o chapéo armado, punha o talim, acontecendo ás vezes com a pressa ficar o chapéo torto ou a espada do lado direito, e lá corria a ter com el-rei.

— A's vossas ordens, real senhor, dizia ainda bocejando.

— O rei, que percebia o negocio, desatava a rir e o mandava embora.

Quando chegava o pobre homem abaixo, ia cada um dos que por ali se achavão indagar, o mais seriamente que era possivel, qual tinha sido o objecto do chamado d' el-rei.

Fazião-lhes d' estas e d' outras, mas dahia pouco deixavão-se elles enganar de novo.

Vamos fazer o leitor tomar conhecimento com um desses *activos* militares, que entra também na nossa historia.

Era velho como seus companheiros, porém de certo por elle não é que tinha vindo ao quarto o appellido que lhe davão : suas feições quebradas pela idade tinhão ainda certa regularidade de contorno que bem denotava que seu tempo de rapaz não fôra a respeito de belleza mal favorecido ; de seus cabellos que o tempo levára restavão apenas orlando-lhe as temporas e a nuca alguns anneis crespos e prateados ; sua calva era nobre e imponente. Fôra valente ;

ganhára por seus feitos as dragonas de tenente-coronel; era filho de Portugal, e acompanhára el-rei na sua vinda ao Brasil.

Estas qualidades porém não lhe servião de salvaguarda, e soffria como os outros as caçadas dos gaiatos.

Assim um dia que uma mulher de mantilha o foi procurar, e se poz com elle a conversar por algum tempo em particular, passavão uns e outros e escarravão junto da porta, ou deixavão escapar uma ou outra chalaça analoga.

— Amores velhos nunca se esquecem, dizia um.

— Bravo ! gósto do bom gosto, dizia outro.

A mulher de mantilha é nossa conhecida, porque nem mais nem menos é a comadre ; e o negocio que ahi a levou tambem nos interessa, pois que se trata da soltura do pobre Leonordo. Ouça portanto o leitor a conversa dos dous.

— Sr. tenente-coronel, disse a comadre ao chegar, venho me valer de V. S. meu compadre Leonardo está na cadêa

— Leonardo ? ! mas então porque ?

— Ora ! maluquices !

E chegando-se ao ouvido do velho, contou-lhe a comadre baixinho a causa da prisão do Leonardo.

O velho desatou a rir.

— Bem pregado !... disse.

— Agora eu queria que V. S. fizesse o favor de fallar por elle ao Sr. major Vidigal, que foi quem o prendeu... coitado do homem ; é uma vergonha; mas tambem elle não se emenda !

E proseguindo, a camadre contou muito em segredo, como já o tinha feito a todos os seus conhecidos, toda a his-

toria dos infelizes amores do Leonardo com a Maria, todas as diabruras do menino que ella deixára e de que o padrinho tomára conta: passou depois a relatar todo o occorrido com a cigana, e voltou de novo á historia da prisão, que contou e recontou vinte vezes, sem lhe escapar a mais pequena circumstancia. No fim tornou a fazer o pedido, a que o velho prometteu satisfazer, e então sahiu ella recebendo no saguão muitos cumprimentos e sorrisos maliciosos. Na porta por onde sahiu estava encostado um cadete que lhe disse :

— Estimo que fosse feliz; no dia do baptisado não se esqueça da gente.

— Arrenego! foi a unica resposta que ella deu, e passou.

Como o velho tenente-coronel conhecia a comadre e o Leonardo, e porque se interessava por elle, o leitor saberá mais para diante.

Esse conhecimento era antigo, e o Leonardo apenas se achou na cadeia lembrou-se da protecção que o velho lhe podia prestar em semelhante aperto; mandou por um collega chamar a comadre, e a encarregou da missão que ella aceitou de bom grado, e que desempenhou, segundo vimos, satisfactoriamente.

O velho, apenas a comadre sahiu, tomou o chapêo armado, poz a espada á cinta e sahiu, depois de ter contado aos companheiros o que succede a quem vai tomar fortuna. Um delles, que era credulo até ao enthusiasmo a respeito de feitiçarias, ficou muito indignado com o caso, e prometteu tambem empenhar-se pelo Leonardo.

Já vê pois o leitor que o negocio não estava mal parado, e em breve saberá o resultado de tudo isto.

CAPITULO VIII

O — ARRANJEI-ME-DO COMPADRE.

Os leitores estarão lembrados do que o compadre dissera quando estava a fazer castellos no ar a respeito do afilhado e pensando em dar-lhe o mesmo officio que exercia, isto é, daquelle *arranjei-me*, cuja explicação promettemos dar. Vamos agora cumprir a promessa.

Se alguém perguntasse ao compadre por seus pais, por seus parentes, por seu nascimento, nada saberia responder, porque nada sabia a respeito. Tudo de que se recordava de sua historia reduzia-se a bem pouco. Quando chegára á idade de dar acordo da vida achou-se em casa de um barbeiro que d'elle cuidava, porém que nunca lhe disse se era ou não seu pai ou seu parente, nem tão pouco o motivo por que tratava da sua pessoa. Tambem nunca isso lhe dera cuidado, nem lhe veio a curiosidade indagal-o.

Esse homem ensinára-lhe o officio, e por inaudito milagre tambem a ler e a escrever. Emquanto foi aprendiz passou em casa do seu..... mestre, em falta de outro nome, uma vida que por um lado se parecia com a do famulo, por outro com a do filho, por outro com a do aggregado, e que

afinal não era senão vida de engeitado. que o leitor sem duvida já adivinhou que elle o era. A' troco disso dava-lhe o mestre sustento e morada, e pagava-se do que por elle tinha  feito.

Quando passou de menino a rapaz, e chegou a saber barbear e sangrar soffrivelmente, foi obrigado a manter-se ~~a~~ sua custa e a pagar a morada com os *ganchos* que fazia, porque o producto do mais trabalho pertencia ainda ao mestre. Sujeitou-se ^aisso. Porém querião ainda mais: exigião que continuasse a empregar-se no serviço domestico. Lavrou-lhe então n' alma um arrepio de dignidade: já era official, e não queria rebaixar o seu officio. Virou mareta; fez-se duro, e safou-se de casa sem escrúpulos nem remorsos; pois bem sabia que estavam saldas as contas de parte a parte. Tinham-no criado; elle tinha servido. Tambem não encontrou grande resistencia á sua deliberação.

Apenas passou o primeiro impeto e teve tempo de reflectir, quasi que começou a arrepender-se por não saber qual o meio de achar arranjo. Viu-so na rua, sem saber para onde ir, tendo por unica fortuna uma bacia de barbear embaixo do braço, um par de navalhas ~~e~~ e outro de lancetas na algibeira. Verdade é que quem tinha comsigo estes ~~trastes~~ estava com as armas e uniformes de officio; porém isso não bastava; o pobre rapaz estava em apertos.

Passou a primeira noite em casa de um collega, e no dia seguinte ao amanhecer, tomando os seus apetrechos, sahiu em busca de que fazer para aquelle dia, e de destino para os mais que se ião seguir.

Achou ambas as cousas; uma trouxe a outra.

No Largo do Paço um marujo que estava sentado em uma pedra junto ao mar chamou-o para que lhe fizesse a barba : mãos á obra, que já naquelle dia não morria de fome.

Todo o barbeiro, e principalmente quando tem pouco que fazer ; começou portanto a puxar conversa com o freguez. Foi a sua salvação e fortuna.

O navio a que o marujo pertencia viajava para a Costa e occupava-se no commercio de negros ; era um dos comboys que trazião fornecimento para o Vallongo, e estava prompto a largar.

— O' mestre ! disse o marujo no meio da conversa, você tambem não é sangrador ?

— Sim, eu tambem sangro.....

— Pois olhe, você estava bem bom, se quizesse ir comnosco.. para curar a gente a bordo ; morre-se ali que é uma praga.

— Homem, eu da cirurgia não entendo *muito*..,

— Pois já não disse que sabe tambem sangrar ?

— Sim.....

— Então já sabe até de mais.

No dia seguinte sahiu o nosso homem pela barra fóra : a fortuna tinha-lhe dado o meio, cumpria sabe-lo aproveitar ; de official de barbeiro dava um salto mortal a *medico* de navio negreiro ; restava unicamente saber fazer render a nova posição. Isso ficou por sua conta.

Por um feliz acaso logo nos primeiros dias de viagem adoecêrão dous marinheiros ; chamou-se o medico ; elle fez tudo que sabia... sangrou os doentes, e em pouco tempo estavam

bons, perfeitos. Com isto ganhou immensa reputação, e começou a ser estimado.

Chegarão com feliz viagem ao seu destino ; tomarão o seu carregamento de gente, e voltarão para o Rio. Graças a lanceta do nosso homem, nem um só negro morreu, o que muito contribuiu para augmentar-lhe a solida reputação de entendedor do riscado.

Poucos dias antes de chegar ao Rio o capitão do navio adoeceu ; a principio nem elle nem alguém teve a menor duvida de que ficaria bom logo depois da primeira sangria ; porém repentinamente o negocio complicou-se, e nem com a terceira e quarta se pôde conseguir cousa alguma. No fim do quarto dia convencêrão-se todos e o proprio doente capitão de que estava chegada a sua hora. Nem por isso porém inculparão o nosso homem.

— Ali não ha sangria que o salve, dizem ; chegou a sua vez de dar á costa..... ha de ir.

O capitão teve de fazer suas ultimas disposições, e como dissemos, tendo o *medico* grangeado grande amizade e confiança, foi escolhido para desempenha-las.

O capitão chamou-o á parte, e em segredo lhe fez entrega de uma cinta de couro e uma caixa de póo peçadas de um bom par de doblas em ouro e prata, pedindo que finalmente as fosse entregar, apenas chegasse á terra, a uma filha sua cuja morada lhe indicou. Além deste dinheiro encarregou-o tambem de receber a soldada daquella viagem e lhe dar o mesmo destino. Erão estas suas unicas e ultimas vontades que o encarregava de cumprir, declarando-lhe que lá do outro mundo o espiaria para ver como cuidava disso.

Poucas horas depois expirou.

Desse dia em diante nenhum só doente escapou mais, porque o *medico* já não sangrava tanto; andava preocupado, distraído e assim levou até chegar à terra.

Apenas saltou, declarou que não se tinha dado bem, e que não embarcaria mais.

Quanto ás ordens do capitão..... historias; quem é que lhe havia de vir tomar contas disso? Ninguém viu o que se passou; de nada se sabia. Os unicos que podião ter desconfiado e fazer alguma *c*ausa erão os marinheiros; porém estes partirão em breve de novo para a Costa.

O compadre decidiu-se a instituir-se herdeiro do capitão, e assim o fez.

Eis-aqui como se explica o *orranjei-me*, e como se explicão muitos outros que vão ahi pelo mundo.

CAPITULO X.

EXPLICAÇÕES.

O velho tenente-coronel, apesar de virtuoso e bom, não deixava de ter na consciencia um soffrivel par de peccados, desses que se chamão da carne, e que não hão de ser levados em conta, não de hoje, que a idade o tornára inoffensivo, porém do tempo de sua mocidade : o resultado de um delles fôra um filho que deixára em Lisboa, fructo de um derradeiro amor que tivera aos 36 annos. Por castigo em nada havia elle sabido ao pai, e nem os conselhos, nem os cuidados e nem o exemplo deste pudérão encaminha-lo por boa vereda. Aos 20 annos, tendo sentado praça, era um cadete desordeiro, jogador e o mais insubordinado do seu regimento. Bastantes vergonhas custára ao pobre pai, que cuidadoso procurava sempre por todos os meios encobrir-lhe os defeitos e remediar as gentilezas que fazia, já pagando por elle dividas do jogo, já atabafando-lhe as desordens e curando com ouro as brechas que elle fazia na cabeça de seus adversarios. Houve porém uma que as circumstancias e mesmo a natureza do caso não permitirão que tivesse remedio. Poucos dias antes de embarcar para o Brasil em companhia d'el-rei, estando o

infeliz pái em preparativos de viagem, viu entrar-lhe pela porta a dentro uma mulher velha, baixa, gorda, vermelha, vestida, segundo o costume das mulheres da baixa classe do paiz, com uma saia de ganga azul por cima de um vestido de chita, um lenço branco dobrado triangularmente posto sobre a cabeça e preso em baixo do queixo, e uns grossos sapatões nos pés. Parecia presa de grande agitação e de raiva: seus olhos pequenos e azues faiscavão de dentro das orbitas afundadas pela idade, suas faces estavam rubras e reluzentes, seus labios franzinos e franzidos apertavão-se violentamente um contra o outro como prendendo uma torrente de injurias, e tornando mais sensível ainda seu queixo pontudo e um pouco revirado.

Apenas se achou ella em frente do capitão (era este o posto que tinha nesse tempo o velho) foi-se chegando para elle com ar resolutivo e enfurecido. O capitão recuou instinctivamente um passo.

— Ah! Sr. capitão, disse ella por fim pondo as mãos nas cadeiras, chegando a boca muito perto do rosto delle e abandonando raivosa a cabeça: olhe que isto assim não vai direito; faz-me andar a cabeça á roda... põe-me os miolos a ferver... e eu estouro.. já viu!.

— Mas o que ha então, mulher?... Eu não lhe conheço.....

— Não quero cá saber de nada... Já lhe disse que isto não vai bem... e eu estouro...

— Mas porque?... o que é que tem?... É preciso que você diga...

— Não tenho nada que dizer.....Estouro, já lhe disse, Sr capitão!...

-- Pois estoure com trezentos diabos ! mas ao menos diga pelo que é que estoura.

-- Não tenho nada que dizer...já lhe disse... isto põe a cabeça da gente como uma cebola podre, não tem lugar nenhum ..Ir-me por lá com ares de santarrão comprar frutas....

-- Quem, mulher de Deus ? Você não se explicará ?

-- Qual explicar, nem meio explicar ! Pois então por ser cá a gente uma mulher velha, que já perdeu os ahegos ao mundo, e ella uma pobre rapariga tôla e bisbilhoteira, com vontade de saber de tudo, vir-me cá a mim prégar o mono na bochecha, e a ella em lugar ainda mais melindroso.....

-- Mas quem é que prégar monos a você mais a ella ? e quem é ella ?.

-- Faz-se de novo ! continuou a mulher exasperando-se; pois o Sr. capitão já não tinha consentido no casamento ?.

-- Que casamento ? com quem ?...

-- Ai, ai, ai, que cá me anda á cabeça como uma nóra solta... Pois o Sr. capitão não sabe que tem um filho ?...

-- Sim, sei respondeu esse começando a descobrir o mysterio.

-- E não sabe que elle é um pedaço de um mariola !...

-- A isso o capitão podia, porém não se animou a responder affirmativamente, e perguntou sómente:

-- E que mais ?....

-- E não sabe tambem que eu tenho uma filha que trouxe do Lumiar, a Mariazinha ?

-- Como, se eu nem a conheço ?...

--Pois é uma rapariga muito capaz...e o diabo do tal cadete do seu filho andou por lá a entender com ella muito tempo:

namoro para cá, namoro para lá, presentes daqui, promessas d' acolá... e afinal de contas,.. braz !.. E então que lhe parece ?

O capitão foi ás nuvens.

— Até lhe prometteu casamento, dizendo que o Sr. capitão consentia... Ora eu bem sei que ella tambem teve sua culpa.... mas eu desculpo isso, porque tambem já fui rapariga... e sei que quando começa cá o diabo no corpo, adeus! Mas isto põe a gente tonta, porque... enfim a rapariga podia vir a fazer fortuna.

O capitão tinha comprehendido tudo, e por mais algumas explicações que se seguirão viu-se reduzido ao maior aperto. Desta vez a diabrura do rapaz era irremediavel. A mulher tinha toda a razão; porém casar seu filho com a filha de uma collareija... isso não poderia ser; além de que nada tinha que deixar ao filho, e só com o soldo de cadetê não poderia sustentar mulher e casa, restando além disso a duvida se elle estaria ou não pelos autos...

Despediu a velha, não sem lhe prometter que providenciaria sobre o caso.

— Olhe, veja disse ella ao sahir; se o negocio não se arranjar, eu estouro !...

O pobre homem ficou nos apuros; foi ter com a offendida, e procurou, offerecendo-lhe alguma cousa para seu dote, obter que ella se calasse, e que desistesse de suas pretensões; esta quiz a principio recusar, porém a mai aconselhou-a que acedesse, sem duvida com medo de estourar. Deste modo ficou o caso um *pouco* remediado, posto que a consciencia do capitão, que era de homem de honra, não ficára de modo algum

satisfeita. O tempo porém não dava logar a mais; era chegado o momento de acompanhar a el-rei, e elle partiu deixando o filho recommendado a quantos amigos tinha. Decorrêrão os annos, e quando menos esperava soube elle que se achava no Rio de Janeiro em companhia do Leonardo a tal Mariazinha, que então já era a Maria que os leitores bem conhecem. Procurou fazer o que pudesse por ella para satisfazer todos os seus escrúpulos de pai honrado, porém quiz fazê-lo occultamente. Foi ter com a comadre, a quem já conhecia, e a encarregou de o avisar apenas sentisse que a Maria soffria qualquer necessidade. Nunca porém teve occasião de exercer a sua boa vontade directamente para com ella. Apenas tinha feito ao Leonardo um pequeno favor em occasião em que este se achava embaraçado por causa de uma irregularidade em uns autos que se lhe attribuia, e que a comadre o aconsolhou de procura-lo mesmo sem o conhecer, a titulo de que era muito bom homem e amigo de servir a todos

Eis-aqui porque o Leonardo se dirigiu no seu segundo apuro ao velho tenente-coronel por intermedio da comadre, e porque este prometeu empenhar-se por elle, o que com effeito tratou de cumprir.

Como dissemos, apenas a comadre sahiu, sahiu, elle tambem, foi tratar de pôr o Leonardo na rua. Dirigiu-se primeiro á cadeia para colher do proprio Leonardo todas as informações, e então pôde ver que as que tinha dado a comadre erão exactissimas, e que ella não deixára escapar a menor circumstancia. O Leonardo repetiu e confessou tudo o que elle já sabia, corrido de embaraço e de vergonha; e ao despedir-se o velho:

--Sr. tenente-coronel, disse-lhe elle, V. S. já me livrou

de uma que não era culpa minha; livre me desta também...
olhe que está comprometida a minha honra...

O Leonardo esquecia-se da theoria da Maria.

--A honra não, respondeu o velho, o que está comprometido é o seu juizo: hão de dizer (e eu sou o primeiro) que você está doudo.

--Fugi de uma saloia e fui cahir n'uma cigana...tem razão!...

O velho sahiu sorrindo-se. D'ahi dirigiu-se á casa de um seu amigo, fidalgo de valimento, para dellê obter a soltura do Leonardo. Morava elle em uma das ruas mais estreitas da cidade, em um sobrado de sacada de rotulas de páo com pequenos postigos que se abrião ás furtadellas, sem que ninguém de fóra pudesse ver quem a elles chegava.

A poeira amontoada nos cordões da rotula e as paredes encardidas pelo tempo davão á casa um aspecto triste no exterior, quanto ao exterior, andava pelo mesmo conseguinte. A sala era pequena e baixa; a mobilia que a guarnecia era toda de jacarandá e feita no gosto antigo; todas as peças erão enormes e pesadas; as cadeiras e o canapé, de pés arcados e espaldares altissimos, tinham os assentos de couro, que era a moda da transição entre o estofo e a palhinha. Quem quizer ter idéa exacta destes moveis procure no consistorio de alguma irmandade antiga, onde temos visto alguns delles.

As paredes erão ornadas por uma duzia de quadros, ou antes de caixas de vidro que deixavão ver em seu interior paisagens e flôres feitas de conchinhas de todôs as côres, que não erão totalmente feios, porém que não tinham de certo o subido valor que se lhes dava naquelle tempo. A direita da

salã havia sobre uma mesa um enorme oratorio no mesmo gosto da mobilia.

Havia finalmente em um canto uma palma benta, destas que se distribuem no domingo de ramos; e se o leitor agora suppuzer tudo isso coberto por uma densa camada de poeira, terá idéa perfeita do logar em que foi recebido o velho tenente-coronel, que era pouco mais ou menos semelhante em todas as casas ricas de então, e por isso nos demorámos em descrevê-lo.

Sem se fazer esperar muito, appareceu o dono da casa: era um homem já velho e de cara um pouco ingrata; vinha de tã-mancos, sem meias, em mangas de camisa, com um capote de lã de xadrez sobre os hombros, caixa de rapé e lenço encarnado na mão. Em poucos palavras o velho expoz-lhe o caso e lhe pediu que fosse fallar a el-rei em favor de Leonardo.

A principio oppoz elle algumas duvidas, dizendo:

— Homem, pois eu hei de ir a palacio por causa de um meirinho? El-rei ha de rir-se do meu afilhado.

Afinal, porém, teve de ceder a instancias da amizade, e prometeu tudo. O velho sahiu satisfeito e foi levar a nova ao Leonardo, que pulou de contente. Poucos dias depois chegou a ordem de soltura, e elle foi posto na rua. Acreditára que tinha acabado de passar pelo peor dos supplicios, porém insupportaveis torturas começárão para elle no dia em que sahiu da cadêa: a mófa, o escarneo, o riso dos companheiros seguiu-o por muitos dias, incessante e martyrisador.

CAPITULO XI.

PROGRESSO E ATRAZO

Dadas as explicações do capitulo precedente, voltemos ao nosso memorando, de quem por um pouco nos esquecemos. Apressemos-nos a dar ao leitor uma boa noticia: o menino desempacára do *F*, e já se achava no *P*, onde por uma infelicidade empacou de novo. O padrinho anda contentissimo com este progresso, e vê clarear-se o horizonte de suas esperanças; declarará positivamente que nunca viu menino de melhor memoria do que o afilhado, cada lição que este dá sabida de quatro em quatro dias pelo menos é para elle um triumpho. Ha porém uma cousa que o entristece no meio de tudo: o menino tem para a reza, e em geral para tudo quanto diz respeito á religião, uma aversão decidida; não é capaz de fazer o pelo-signal da esquerda para a direita, fá-lo sempre da direita para a esquerda, e não foi possível ao padrinho, apesar de toda a paciencia e boa vontade, fazê-lo repetir de cór sem errar ao menos a metade do padre-nosso; em vez de dizer «venha a nós o vosso reino» diz sempre «venha a nós o pão nosso.» Ir á missa ao sermão é para elle o maior de todos os supplicios, isto faz que o padrinho desespere ás vezes, e até che-

gue a concordar com a comadre em que o menino não tem geito para clérigo; porém são nuvens passageiras; sempre ha isto ou aquillo que faz renascer todas as esperanças, e o homem caminha animado na sua obra.

O que elle porém esperava não esperavão todos, e ninguém via no menino senão um futuro peralta da primeira grandeza quem mais contava com isso era a vizinha do barbeiro, aquella a quem elle chamava o agouro do pequeno. Era a tal vizinha uma dessas mulheres que se chamão de faca e calháo, valentona, presumpçosa, e que se gabava de não ter papas na lingua: era viuva, e importunava a todo o mundo com as virtudes do seu defunto. Serrazina e amiga de contrariar, não perdia occasião de desmentir o vizinho em suas esperanças a respeito do afilhado, declarando que não lhe via geito para cousa nenhuma, que não queria para cousa que lhe pertencesse o fim que elle havia ter, e que quando elle crescesse o melhor remedio era dar-lhe com os ossos a bordo de um navio ou pôr-lhe o covado e meio ás costas. O barbeiro desesperava com isso; por muito tempo conseguiu conter-se porém um dia não pôde mais, e disparatou com a sujeita. Chegando por acaso á porta da loja, a vizinha que estava á janella disse-lhe em tom de zombaria:

— Então, vizinho, como vai o seu reverendo?

Um velho, que morava defronte, e que tambem se achava á janella, desatou a rir com a pergunta.

O compadre foi ás nuvens, avermelhou-se-lhe a calva, franziu a testa, porém fez que não tinha ouvido. A vizinha poz-se tambem a rir, percebendo o cavaco, e accrescentou:

— Padre amigo do fado.. tem que ver... Quando vai elle outra vez á casa dos Ciganos?...

O velho defronte redobrou a risada. A vizinha continuou:
— Então elle já encarrilha o padre-nosso ?

O compadre exasperou-se completamente; e estudando uma injuria bem grande para responder, disse afinal:

— Já...já... senhora intromettida com a vida alheia... já sabe o padre-nosso, e eu o faço rezar todas as noites um pelo seu defunto marido que está a esta hora dando couces no inferno !...

— Hem ?... o que é que você diz, senhor raspabarbas ? você mette terceiros na conversa ? disse a vizinha encrespando-se; olhe que esse de quem você falla nunca foi sangrador, nem viveu de aparas de cabellos... Não se metta comigo que hei de lhe dizer das ultimas e pôr-lhe os podres na rua... Couces no inferno !!! ora dá-se ? um santo homem... Couces no inferno..... Pois agora saiba, porque eu cá não tenho papas na lingua, que o tal seu afilhado das duzias é um pedaço de um malcriadão muito grande, que ha de deshonnar as barbas de quem o criou... E não tem que ver, porque elle é de má raça... já ouviu ? não se metta comigo...

— E você, respondeu o compadre enquanto a vizinha tomava folego, porque se mette com o que não é da sua repartição ?

Ella proseguiu:

— Hei de me metter; não é da sua conta, nem venha cá dar regras, que eu não preciso de você...

— Mas o que tem você que entender com uma criança innocente que nunca lhe fez mal ?...

— Tenho muito, porque não me deixa parar os telhados com pedras, faz-me caretas quando me vê na janella, e trata-me como se eu fosse alguma saloia ou mulher de barbeiro. ... Digo-lhe e repito-lhe... aquillo tem máos bofes, e não ha de ter bom fim...

— Está bom, senhora, respondeu o compadre que tinha bom genio, e que só fôra levado áquelle excesso pelo amor do afilhado; basta de resingas, olhe a vizinhança.

— Ora tomára a vizinhança ver-se livre do tal diabo.....

O menino chegou nessa occasião á porta, e pondo-se na ponta dos pés, esticando o pescoço, e abanando-o como a vizinha e imitando-lhe a voz, repetiu:

— Ver-se livre do tal diabo...

O compadre achou tanta graça, que deu-se por vingado, e desatou a rir por seu turno.

— Ah ! disse a vizinha, agradece a boa vontade, meu diabo em figura de menino; tu não tens a culpa; a culpá tem quem te dá ousadias.

— A culpa tem quem te dá ousadias... repetiu o menino arremedando.

O compadre ria-se a perder.

A vizinha desesperada bateu com o postigo e recolheu-se, porém por muito tempo fallou em voz alta, de maneira que toda a vizinhança ouviu, dizendo quanto improprio lhe veio á cabeça contra o barbeiro e o menino.

— O pequeno encheu-me ás medidas, disse este consigo, vingou-me desta; agora falta-me aquelle velho de defronte que tambem a acompanhou na risota; mas não faltará occasião

Esqueceu-nos dizer que o barbeiro, apesar de ter saído,

pouco se importára com a prisão do Leonardo, e referindo-se á causa da infelicidade deste, dissera apenas:

— E' bem feito, para elle não se deixar arrastar para toda a parte agarrado em quanto rabo de saia lhe apparece.

Nem foi á cadêa visital-o, nem levar-lhe o filho para tomar a benção, o que a comadre muito reprovou quando soube.

O velho tenente-coronel, depois de ter posto no rua o Leonardo, informado miudamente, como sabe o leitor, pela comadre do destino da Maria, decidiu tomar o menino sob sua protecção, e acreditou que se conseguisse felicitá-lo, levaria seu filho do peccado de ter deshonrado a Maria. Por intermedio da comadre mandou offerecer ao compadre seu prestimo em favor do pequeno, mandou-lhe propôr até que o deixasse ir para a sua companhia. O compadre porém não esteve por isso de modo nenhum, e até se prometeu aceitar para qualquer outra cousa a protecção do tenente-coronel foi á instancias da comadre.

— Não quero, dizia elle, que me roubem o gosto de tê-lo feito gente; comecei a minha obra, hei de acaba-la.

— Homem, retorquira-lhe a comadre, você faz mal; olhe que o velho é homem de representação; veja como elle com duas voltas e meia poz o Leonardo na rua.

— Nada, não hei de dar o gostinho aqui a esta sucia da vizinhança; hei de eu mesmo fazer a cousa por minhas mãos. Lá se o tenente-coronel quizer fazer alguma cousa por elle, aceito; mas quanto a tira-lo da minha companhia, isso nunca. Agora já é birra; hei de levar a minha avante.

CAPITULO XII.

ENTRADA PARA A ESCOLA.

É mister agora passar em silencio sobre alguns annos da vida do nosso memorando para não cansar o leitor repetindo a historia de mil travessuras de menino no genero das que já se conhecem; forão diabruras de todo o tamanho que exasperarão a vizinha, desgostarão a comadre, mas que não alterarão em cousa alguma a amizade do barbeiro pelo afilhado: cada vez esta augmentava se era possivel, tornava-se mais céga. Com elle crescião as esperanças do bello futuro com que o compadre sonhava para o pequeno, e tanto mais que durante este tempo fizera este *alguns* progressos: lia soletrado soffrivelmente, e por inaudido triumpho da pacienaiia do compadre aprendêra a ajudar missa. A primeira vez que elle conseguiu praticar com decência e exactidão semelhante acto, o padrinho exultou; foi um dia de orgulho e de prazer: era o primeiro passo no caminho para que elle o destinava.

— E dizem que não tem geito para padre, pensou consigo; ora acertei o alvo, dei-lhe com a balda. Elle nasceu mesmo para aquillo, ha de ser um clérigo de truz. Vou tratar de metê-lo na escola, e depois... toca.

Com effeito foi cuidar nisso e fallar ao mestre para receber o pequeno, morava este em uma casa da rua da Valla, pequena e escura

Foi o barbeiro recebido na sala, que era mobiliada por quatro ou cinco longos bancos de pinho sujos já pelo uso, uma mesa pequena que pertencia ao mestre, e outra maior onde escrevião os discipulos, toda cheia de pequenos buracos para os tinteiros; nas paredes e no tecto havião penduradas uma porção enorme de gaiolas de todos os tamanhos e feitios, dentro das quaes pulavão e cantavão passarinhos de diversas qualidades: era a paixão predilecta do pedagogo.

Era este um homem todo em proporções infinitesimales, baixinho, magrinho de carinha estreita e chupada, excessivamente calvo; usava de oculos, tinha pretensões de latinista, e dava bolos nos discipulos por *dá cá aquella palha*. Por isso era um dos mais acreditados da cidade. O barbeiro entrou acompanhado pelo afilhado, que ficou um pouco escabriado á vista do aspecto da escola, que nunca tinha imaginado. Era em um sabbado; os bancos estavam cheios de meninos, vestidos quasi todos de jaqueta ou *robições* de lila, calças de brim escuro e uma enorme pasta de couro papelão pendurada por um cordel a tiracollo: chegárão os dous exactamente na hora da toboada cantada. Era uma especie de ladainha de numeros que se usava então nos collegios, cantada todos os sabbados em uma especie de *cantochão* monotono e insupportavel, mas de que os meninos gostavão muito.

As vozes dos meninos, juntas ao canto dos passarinhos fazião uma algazaraa de doer os ouvidos; o mestre, acostumado áquillo, escutava impassivel, com uma enorme palmatoria na

mão, e o menor erro que algum dos discipulos commettia não lhe escapava no meio do todo o barulho; fazia parar o canto, chamava o infeliz, emendava cantando o erro commettido, e cascava-lhe pelo menos seis puxados bolos. Era o regente da orchestra ensinando a marcar o compasso. O compadre expoz no meio do ruido, o objecto de sua visita, e apresentou o pequeno ao mestre.

— Tem muito boa memoria; soletra já alguma cousa, não lhe ha de dar muito trabalho, disse com orgulho.

— E se m' o quizer dar, tenho aqui o remedio; *santa ferula* disse o mestre brandindo a palmatoria.

O compadre sorriu-se, querendo dar a entender que tinha percebido o latim.

— E' verdade; faz santos até ás feras, disse traduzindo.

O mestre sorriu-se da tradução.

— Mas espero que não ha de ser necessario, accrescentou o compadre.

O menino percebeu o que tudo isto queria dizer, e mostrou não gostar muito.

— Segunda feira cá vem, e peço-lhe que não o poupe, disse por fim o compadre despedindo-se. Procurou pelo menino e já o vio na porta da rua prestes a sahir, pois que ali não se julgava muito bem.

— Então, menino, sahe sem tomar a benção ao mestre?...

O menino voltou constrangido, tomou de longe a benção, e sahirão então.

Na segunda-feira voltou o menino armado com a sua competente pasta a tiracollo, a sua lousa de escrever e o seu tin-teiro de chifre; o padrinho o acompanhou até á porta. Logo

nesse dia portou-se de tal maneira que o mestre não se pôde dispensar de lhe dar quatro bolos, o que lhe fez perder toda a folia com que entrara: declarou desde esse instante guerra viva á escola. Ao meio-dia velu o padrinho buscal-o, e a primeira noticia que elle lhe deu foi que não voltaria no dia seguinte, nem mesmo aquella tarde.

— Mas você não sabe que é preciso aprender ?...

— Mas não é preciso apanhar...

— Pois você já apanhou ?...

— Não foi nada, não, senhor; foi porque entornei o tintel-ro na calça de um menino que estava ao pé de mim; o mestre ralhou comigo, e eu comecei a rir muito...

— Pois você vai-se rir quando o mestre ralha....

Isto contrariou o mais que era possível ao barbeiro. Que diabo não diria a maldita vizinha quando soubesse que o menino tinha apanhado logo no primeiro dia de escola ?... Mas não haviam reclamações, o que o mestre fazia era bem feito. Custou-lhe bem a reduzir o menino a voltar nessa tarde á escola, o que só conseguiu com a promessa de que fallaria ao mestre para que elle não dêsse mais. Isto porém não era cousa que se fizesse, e não foi senão um engodo para arrastar o pequeno. Entrou este desesperado para a escola, e por principio nenhum queria estar quieto e calado no seu banco; o mestre chamou-o e pô-lo de joelhos a poucos passos de si; passando pouco tempo voltou-se distrahidamente, e sorprende-o no momento em que elle erguia a mão para atirar-lhe uma bola de papel. Chamou-o de novo, e deu-lhe uma dúzia de bolos.

— Já no primeiro dia, disse, você promette muito.....

O menino resmungando dirigiu-lhe quanta injuria sabia de cór.

Quando o padrinho voltou de novo a busca-lo achou-o de tenção firme e decidida de não se deixar engodar por outra vez, e de nunca mais voltar, ainda que o rachassem. O pobre homem azuou com o caso.

— Ora logo no primeiro dia !... disse consigo; isto é praga daquella maldita mulher... mas hei de teimar, e vamos ver quem vence.

CAPITULO XIII.

MUDANÇA DE VIDA.

A' custa de muitos trabalhos, de muitas fadigas, e sobretudo de muita paciencia, conseguiu o compadre que o menino frequentasse a escola durante 2 annos e que aprendesse a ler muito mal e escrever ainda peor. Em todo este tempo não se passou um só dia em que elle não levasse uma remessa maior ou menor de bolos; e apezar da fama que gozava o seu pedagogo de muito cruel e injusto, é preciso confessar que poucas vezes o fôra para com elle: o menino tinha a bossa da desenvoltura; e isto junto com as vontades que lhe fazia o padrinho dava em resultado a maior refinada má-criação que se póde imaginar. Achava elle um prazer suavissimo em desobedecer a tudo quanto se lhe ordenava; se se queria que estivesse serio, desatava a rir como um perdido com o maior gosto do mundo; se se queria que estivesse quieto, parece que uma mola occulta o impellia e fazia com que dêsse uma idéa pouco mais ou menos approximada do motu continuo. Nunca uma pasta, um tinteiro, uma lousa lhe durou mais de 15 dias: era tido na escola pelo mais refinado velhaco; vendia aos collegas tudo que podia ter algum valor, fosse seu ou alheio, com-

tanto que lhe cahisse nas mãos: um lapis, uma penna, um registo, tudo lhe fazia conta; o dinheiro que apurava empregava sempre do peor modo que podia. Logo no fim dos primeiros cinco dias de escola declarou ao padrinho que já sabia as ruas e não precisava mais de que elle o acompanhasse; no primeiro dia em que o padrinho annuiu a que elle fosse sózinho fez uma tremenda gazeta; tomou depois gosto a esse habito, e em pouco tempo adquiriu entre os companheiros o appellido de gazeta-mor da escola, o que tambem queria dizer apanha brollos-mór. Um dos principaes pontos em que elle passava alegremente as manhãs e tardes em que fugia á escola era a igreja da Sé. O leitor comprehende bem que isto não era de modo algum inclinação religiosa; na Sé á missa, e mesmo fóra disso, reunia-se gente, sobretudo mulheres de mantilha, de quem tomára particular zanguinha por causa da semelhança com a madrinha, e é isso e que elle queria, porque internando-se na multidão dos que entravão e sahião, passava desaperebido, e tinha segurança de que o não acharião com facilidade se o procurassem.

Pelo habito de frequentar a igreja tomára conhecimento e travára estreita amizade com um pequeno sacristão que, digamos de passagem, era tão boa peça como elle; apenas se encontravão limitavão-se a trocar olhares significativos enquanto o amigo andava occupado no serviço da igreja; assim porém que se acabavão as missas, e que sahião as verdadeiras beatas, reunião-se os dous, e começavão a contar suas diabruras mais recentes, travando o plano de mil outras novas. Por complacencia, ou antes por prova de decidida amizade, o companheiro confiava ao nosso gazeador um canço, e fazião

juntos o serviço e as maiores: a mais pequena que fazia era irem de altar em altar escorripichando todas as galhetas, — o que lhes incendia mais o desejo de traquinar.

Esta vida durou por muito tempo; porém final já erão as gazetas tão repetidas, que o padrinho se viu forçado a acompanhá-lo outra vez todos os dias paara a escola, o que desfez todos os planos que os dous tinham concertado. O nosso futuro clérigo tinha muitas vezes pensado em como não lhe seria agradável ver-se revestido como o seu companheiro de uma batina e uma sobrepelliz, e feito também sachristão, ler a toda hora a sua disposição quantos caniços quizesse, ter por sua e de seu amigo toda a Igreja, poder nos dias de festa, tomando o furbulo, afogar em ondas de fumaça a cara da velha que mais perto lhe ficasse na occasião da missa. Oh! depois que o padrinho o acompanhava, [de gozar parte destes prazeres, como fazia nos dias de fugida, atearão-se-lhe os desejos, e começou a confessa-los ao padrinho, dando a entender que nada havia de que agora gostasse tanto como fosse a Igreja, para a qual, dizia elle, parecia ter nascido. Isto foi para o padrinho um alegrão, porque neste gosto recente do pequeno via furo aos seus projectos.

— Eu bem dizia.... pensava comsigo; não tem duvida vou adiante; o rapaz está-me enchendo as medidas.

Afinal o menino tomou um dia uma resolução ultima, e propoz ao padrinho que o fizesse sachristão.

— Isso seria muito bom, disse elle, afim de acostumar-me para quando fôr padre.

A principio a idéa deslumbrou ao padrinho, porém mais tarde acudiu-lhe a reflexão, e assentou que seria rebaixar o

o menino e comprometter a sua dignidade futura. Afinal porém tantas forão as rogativas e argumentos do pequeno, que se vio obrigado a ceder. O menino tinha n' isso duas enormes vantagens, satisfazia seus desejos e sahia da escola, poupanço assim as remessas diarias de bolos.

— Está bem, dissera comsigo o padrinho, elle já sabe ler alguma cousa e escrever: deixo-o, para fazer-lhe a vontade, algum tempo na Sé, para que tambem tome mais amor aquella vida, e depois, apenas o vir com o juizo mais assento, hei de ir adiante com ja cousa. Foi em consequencia procurar aquelle sachristão da Sé que dansára o minuete na festa do baptisado, que era nada menos do que o pai do sachristãozinho com que o nosso pequeno travára amizade, para arranjar o afilhado, que não queria outra Igreja que não fosse a Sé. Felizmente pôde elle ser admittido; com a pratica que tivera dos dias de gazeta aprendêra pouco mais ou menos todo o ceremonial que é mister a um sachristão: ajudar a missa já elle sabia, as outras cousas aperfeiçoou-se em pouco tempo.

Em poucos dias apromptou-se, e em uma bella manhã sahio de casa vestido com a competente batina e sobrepelliz, e foi tomar posse do emprego. Ao vê-lo passar a visinha dos mãos agouros soltou uma exclamação de surpresa a principio, suppondo alguma asneira do compadre; porém reparando, comprehendeu o que era, desatou uma gargalhada.

— E que tal ? !.., Deus vos guarde, Sr. cura, disse fazendo um comprimento.

O menino lançou-lhe um olhar de revez, e respondeu entre dentes:

— Eu sou cura, e hei de te curar...

Era aquillo uma promessa de vingança.

-- Oa dá-se ? continuou a vizinha comsigo mesma; aquillo na igreja é um peccado !!

Chegou o menino á Sê impando de contente; parecia-lhe a batina um manto real. Por fortuna houve logo nesse dia dous baptisados e um cazamento, e elle teve assim occasião de entrar no pleno exercicio de suas funcções, em que começou revestindo-se da maior gravidade deste mundo. No outro dia porém o negocio começou a mudar de figura, e as bregeiradas começárão.

A primeira foi em uma missa cantada. Coube ao pequeno o ficar com uma tocha, e ao companheiro o thurybulo ao pé do altar.

Por infelicidade a vizinha do compadre, a quem o menino promettêra *curar*, sem pensar no que fazia collocou-se perto do altar junto aos dous. Assim que a avistou, o novo sacristão disse algumas palavras a seu companheiro, dando-lhe de olho para a mulher. Dahi a pouco collocárão-se os dous disfarçadamente em distancia conveniente, e de maneira tal, que ella ficasse pouco mais ou menos com um delles atrás e outro adiante. Começárão então os dous uma obra meritoria: enquanto um, tendo enchido o thurybulo de incenso, e balançando-o convenientemente, fazia com que os rolos de fumaça que se desprendião fossem bater de cheio na cara da pobre mulher, o outro com a tocha despejava-lhe sobre as costas da mantilha a cada passo plastradas de cera derretida, olhando disfarçado para o altar. A pobre mulher exasperou-se, e disse: *lhes não sabemos o que,*

— Estamos te curando, respondeu o menino tranquillamente.

Vendo que não tirava partido, quiz a devota mudar de logar e sahir, porém o aperto era tão grande que o não pôde fazer, e teve de aturár o supplicio até o fim. Acabada a festa, dirigiu-se ao mestre de ceremonias, e fez uma energe queixa, que custou aos dous uma tremenda sarabanda. Pouco porém se importarão com isso, uma vez que tinham realizado o seu plano.



CAPITULO XIII.

NOVA VINGANÇA E SEU RESULTADO.

A sarabanda que o mestre de ceremonias passára aos dous pequenos em razão do que havião feito á pobre mulher não produziu, como dissemos, nenhum effeito sobre elles no sentido de os emendar; não perdoarão porém a humilhação que sofrêrão diante da sua victima, e a vingança de que ella tinha gozado; na primeira occasião que tirarão desforra, pregando tambem uma peça ao mestre de ceremonias.

Foi o caso assim:

O mestre de ceremonias era um padre de meia idade, de figura menos má, filho da Ilha Terceira, porém que se dava por puro Alfaeinha: tinha-se formado em Coimbra; por fóra era um completo S. Francisco de austeridade catholica, por dentro refinado Sardanapalo, que podia por si só fornecer a Boccage assumpto para um poema inteiro; era prégador que buscava sempre por assumpto a honestidade e a pureza corporal em todo o sentido; porém interiormente era sensual como um sectario de Mafoma. O publico ignorava talvez semelhante cousa, porém outro tanto não acontecia aos dous meninos, que andavão ao facto de tudo: o mestre de ceremonias, fiado

em que pela sua pouca idade darião elles pouca attenção a certas cousas, tinha-os algumas vezes empregado no seu serviço, mandando recados a uma certa pessoa que, saiba o leitor em segredo, era nada menos do que a cigana, objecto dos ultimos cuidados do Leonardo, com quem S. Revma. vivia a certo tempo em estreitas relações, salvando, é verdade, todas as apparencias da decencia.

Chegou o dia de uma das primeiras festas da igreja, em que o mestre de ceremonias era sempre o prégador: era no sermão desse dia que o homem se empregava, muito tempo antes pondo abaixo a *livraria*, e fazendo um enorme esforço de intelligência (que não era nelle cousa muito vigorosa). Já se vê pois que elle devia amar o seu sermão tanto que quasi rebentou de raiva em um anno em que por doente o não pôde prégar. Entendia que todos o ouvião com summo prazer, que o povo se abalava á sua voz: emfim, aquelle sermão annual era o meio por que elle esperara chegar a todos os fins, a que contava dever toda a sua elvação futura; era o seu talisman. Digamos entretanto que era bem máo caminho o tal sermão, pörque se podia elle demonstrar alguma cousa, era a insufficiencia do padre para qualquer cousa desta vida, excepto para mestre de ceremonias, em que ninguem o desbancava. Pois foi nesse ponto delicado que os dous meninos buscárão feri-lo, e o acaso os favoreceu excedendo de muito os seus desejos e esperanças, e fazendo a sua vingança completissima.

Chegou, como dissemos, o dia da festa; havia tres ou quatro dias antes que o mestre de ceremonias não sahia de casa, empregado em decorar a importante peça. Foi o nosso sacristão calouro encarregado de lhe ir avisar da hora do sermão,

Chegou á casa da cigana, onde o padre costumava a estar; bateu, e apesar de todas as recommendações que costumava ter, disse em voz alta:

— O Rev. mestre de ceremonias está ahi ?...

— Falle baixo, menino, disse a cigana de dentro da rotula..

O que quer você com o Sr. padre ?

— Precisava muito fallar com elle por causa do sermão de amanhã.

— Entre, entre, disse o padre que o ouvira...

— Venho dizer a V. Revma., disse o menino entrando, que amanhã ás dez horas ha de estar na igreja.

— As dez ? Uma hora mais tarde do que de costume....

— Justo, respondeu o menino sorrindo-se internamente de alegria, e sahiu.

Foi logo dali dar parte ao companheiro de que o seu plano tinha sahido completamente aos seus desejos, pois o que elle queria era que o padre faltasse ao sermão, e por isso, encarregado de lhe indicar a hora, a trocára, e em vez de nove dissera dez.

Dispuzerão-se as cousas; postou-se a musica de barbeiros na porta da igreja; andou tudo em reboição: ás 9 horas começou a festa.

As festas daquelle tempo erão feitas com tanta riqueza e com muito mais propriedade, a certos respeito, do que as de hoje: tinham entretanto alguns lados comicos; um delles era a musica de barbeiros á porta. Não havia festa em que se passasse sem isso; era cousa reputada quasi tão essencial como o sermão; o que valia porém é que nada havia mais facil de arranjar-se; meia duzia de aprendizes ou officiaes de barbei-

ro, ordinariamente negros, armados, este com um pistón desafinado, aquelle com uma trompa diabolicamente rouca, formavão uma orchestra desconcertada, porém estrondosa, que fazia as delicias dos que não cãbião ou querião estar dentro da igreja.

A festa seguiu os seus tramites regulares; porém apenas se foi approximando a hora, começou a dar cuidados a tardança do prégador. Fez-se mais esta cerimonia, mais aquella, e nada de apparecer o homem. Despachou-se a toda pressa um dos meninos que não entrara na festa para ir procurar o padre; elle deu duas voltas pela vizinhança, e veiu dizendo que o não tinha encontrado. Subirão os apuros; não havia remedio era preciso um sermão, fosse como fosse.

Estava assistindo á festa um capuchinho italiano que por bondade, vendo o aperto geral, offereceu-se para improvisar o sermão.

— Mas V. Revm. não falla a lingua da gente, objectarão-lhe.

— *Capisco* ! respondeu este, *ed la necessità* !...

Depois de alguma perplexidade aceitárão-se finalmente os bons officios do capuchinho, e foi elle levado ao pulpito. Os meninos triumphantes sorrião-se um para o outro. Apenas appareceu o prégador ao povo, houve um murmurio geral; os gaiatos sorrião-se contando já com o partido que dali tirariam para um bom par de risadas; algumas velhas preparáram-se para uma grande compunção ao aspecto das immensas barbas do prégador; outras menos crentes, vendo que não era o orador costumado, exclamárão despeitadas:

— Arrenego !

— Deus me perdôe.

— Pois aquillo é que préga hoje ?...

Apezar porém de tudo isto, a attenção foi profunda e geral animando a todos uma grande curiosidade; o orador começou fallava já á um quarto de hora sem que ninguem ainda tivesse entendido: começavão já algumas velhas a protestar que o sermão todo em latim não tinha graça, quando de repente viu-se abrir a porta do pulpito e apparecer a figura do mestre de cerimoniaes lavado em suor e vermelho de colera; foi um sussurro geral. Elle adiantou-se, afastou com a mão o pregador Italiano, que sorprendido parou um instante, e entoeou com voz rouca e estrondosa o seu *per signum crucis*. A' quella voz desconhecida o povo despertou do aborrecimento, benzeu-se e se dizpoz a escuta-la, nem todos porém forão desta opinião; entenderão' que se devia deixar acabar o capuchinho, e começaram a murmurar. O capuchinho não quiz ceder do seu direito, e proseguio na arenga. Foi uma verdadeira scena de comedia, de que a maioria dos circumstantes ria-se a não poder mais; os dous meninos, autores principaes da obra, nadavão em um mar de rosas.

— *Oh, mei cari fratelli!* exclamava por um lado o capuchino com voz afflautada e meiga, *la voce de la Provvidenza....*

— *Semelhante ás trombetas de Jericó*, rouquejava por outro lado o mestre de cerimoniaes....

— *Piaga al cor...* acrescentava o capuchino.

— *Annunciando a queda de Satanaz*, proseguia o mestre de cerimoniaes

E assim levarão por algum tempo os dous, acompanhado

por um côro de risadas e confusão, até que o capuchinho se resolveu a abandonar o posto, murmurando [despeitado:

— *Chebestia, per Dio !*

Acabado o sermão, desceu do pulpito o mestre de ceremonias já um pouco aplacado por ter conseguido fazer-se ouvir, porém ainda bastante furioso para vir arrancar uma por uma as quatro orelhas dos dous pequenos, de quem desconfiára que partira o que acabára de soffrer. Chegou á sacristia, que estava cheia de gente; vendo os dous meninos investiu para elles, e prendendo a cada um com uma mão pela gola da sobrepelliz....

— Então.... então.... dizia com os dentes cerrados.... a que horas é o sermão ?

— Eu disse ás nove, sim, senhor; pode perguntar á moça, que ella bem ouviu....

— Que moça, menino, que moça? disse o padre exasperado por estar tanta gente a ouvir aquillo.

— Aquella moça cigana, lá onde V. Revma estava; ella ouviu, e disse ás nove.

— Oh ! disserão os circumstantes.

— E' falso, respondeu com força o mestre de ceremonias largando os meninos para evitar novas explicações, e dando satisfação aos circumstantes com protestos de ser falso o que os meninos acabavão de dizer.

Entretanto serenou o alvoroço, acabou-se a festa, o povo retirou-se. O mestre de ceremonias sentado a um canto pensava comsigo:

— E que tal ? não ia perdendo o meu sermão deste anno por causa daquelle endiabrado ? † Depois que o maldito me

nino entrou para esta igreja anda tudo aqui em uma poeira ! Ainda em cima dizer á vista de tanta gente que eu estava em casa da cigana ! Nada.... vou dar com elle daqui para fóra...

E com effeito tratou de fazer com que os dous meninos, ou pelo menos, o mais novo, fosse despedido.

Sem muito custo /o conseguiu, porque pór certo não gozava elle de grandes sympathias.

Foi esta a peor peça que se lhe podia pregar: elle estava como em um paraíso, e expellião-no delle; e depois a maldita vizinha como não havia ficar satisfeita vendo-o despedido, e a madrinha que se oppuzera formalmente á sua entrada para a Sé.... tudo isto fazia-o desesperar....

Não se tinha elle enganado em suas previsões; apenas chegou em casa, e que se soube pela vizinhança do que se tinha passado, a vizinha, pilhando de geito o compadre:

— Então, disse-lhe, eu não lhe tenho dito que aquillo tem mãos bofes ?...

— Senhora, pelo amor de Deus, metta-se com a sua vida....

— Estou vingada.... pensava que a minha mantilha nova havia de ficar assim....

O compadre retirou-se para evitar nova desordem.

A comadre, apenas soube tambem do successo, veio ter com o compadre para dizer-lhe:

— Eu bem lhe digo; elle não serve para aquillo; é melhor pô-lo na Conceição; lá ha mais sujeição; olhe, eu podia arranjar isso com o tenente-coronel....

O compadre porém não pareceu resolvido a aceitar o conselho.

CAPITULO IX.

ESTRALLADA.

Apezar de tudo quanto havia já soffrido por amores, o Leonardo de modo algum queria emendar-se; emquanto se lembrou da cadêa, dos granadeiros e do Vidigal esqueceu-se da cigana, ou antes só pensava nella para jurar esquecê-la; quando porém as caçoados dos companheiros forão cessando, começou a renovar-se a paixão, e teve lugar uma grande luta entre a sua ternura e a sua dignidade, em que esta ultima quasi triumphava, quando uma descoberta maldita veio transformar tudo. Não sabemos por que meio o Leonardo descobriu um dia que o rival feliz que o puzera fóra de combate era o reverendo mestre de ceremonias da Sé ! Subiu-lhe com isto o sangue á cabeça:

Pois um padre !?... dizia elle; é preciso que eu salve aquella creatura do inferno; onde ella se está mettendo já em vida....

E começou de novo em tentativas, em promessas, em partidos para com a cigana, que a cousa alguma queria dobrar-se. Um dia que a pilhou de geito á janella abordou-a, e começou *ex abrupto* a fallar-he deste modo:

Você está já em vida no inferno !... pois logo um padre ?...

A cigana interrompeu-o:

— Havia muitos meirinhos para escolher, mas nenhum me agradou....

— Mas você está commettendo um peccado mortal ..., está deitando sua alma a perder....

— Homem, sabe que mais ? você para prègador não serve, não tem geito.... eu como estou muito bem ; não me dei bem com os meirinhos; eu nasci para cousa melhor....

— Pois então tem alguma cousa que dizer de mim ?... Hei de me ver vingado.... e bem vingado.

— Ora ! respondeu a cigana rindo-se.

È começou a cantarolar o estribilho de uma modinha.

O Leonardo comprehendeu que fallando-lhe no inferno e em castigos da outra vida nada arranjava, e decidiu dar-lhe o castigo mesmo nesta vida. Retirou-se murmurando:

— Faça uma estrallada, dê-no que der....

Poucos dias depois aconteceu que a cigana fazia annos; segundo o costume, apenas appareceu este pretexto, armou-se logo uma função: não nos daremos ao trabalho de descrevê-la, em um dos capitulos antecedentes já viu o leitor o que isso era: viola, modinhas, fado, algazarra, e estava a festa completa. O Leonardo soube logo do que havia, e jurou que esse seria o dia da vingança.

Ser valentão foi em algum tempo officio no Rio de Janeiro, havia homens que vivião disso: davão pancada por diaheiro, e ião a qualquer parte armar de proposito uma desordem, com tanto que se lhes pagasse, fosse qual fosse o resultado.

Entre os honestos cidadãos que nisto se occupavão, havia,

na época desta historia, um certo Chico-Juca, afamadissimo e temivel. Seu verdadeiro nome era Francisco, e por isso chamáráo-n'ò a principio. — Chico — ; porém tendo acontecido que conseguisse elle pelo seu braço lançar por terra do throne da valentia a um companheiro que era no seu genero a maior reputação do tempo, e a quem chamavão — Juca, — juntárão este appellido ao seu, como honra pela victoria, e chamáráo-no dali em diante — Chico-Juca.

Este homem era o desespero do Vidigal; tinha lhe já pregado umas poucas, porém ainda não tinha sido possivel agarrá-lo. Os granadeiros conhecião-no ás leguas, porém nunca conseguirão pôr-lhe as mãos.

Tendo levado todo o dia á espreita, o Leonardo viu entrar sorrateiramente o mestre de ceremonias, pela volta de Ave-Maria, quando ainda não tinha começado a função.

— Ah ! nem esta noite quer perder ? ! Pois ha de sahir-lhe cara a funçanata...

Sahiu dali e foi direito procurar o Chico-Juca, que era seu antigo conhecido; achou-o em uma taverna defronte do Bom-Jesus. O Chico-Juca era um pardo, alto, corpulento, de olhos avermelhados, longa barba, cabello cortado rente; trajava sempre jaqueta branca, calça muito larga nas pernas, chinelas pretas e um chapelinho branco muito á banda; ordinariamente era affavel, gracejador, cheio de dicterios e chalaças; porém nas occasiões de *sarilho*, como elle chamava, era quasi feroz. Como outros téem o vicio da embriaguez, outros o do jogo, outros o do deboche, elle tinha o vicio da valentia; mesmo quando ninguem lhe pagava, bastava que lhe dêsse na cabeça, armava brigas, e só depois que dava pancadas a faltar

é que ficava satisfeito; com isso muito lucrava: não havia taverneiro que lhe não fiasse e não o tratasse muito bem.

Estava na porta da taverna sentado sobre um sacco quando appareceu-lhe o Leonardo.

— Olá, mestre pataca! disse elle apenas o viu, pensei que ainda estava de chilindró tomando fortuna por causa da cigana...

— É mesmo por causa desse diabo que te venho procurar.

— Homem, cabeçada e murro velho sei eu dar, porém fortuna! nunca tive tal habilidade...

— Não se trata de fortuna, disse-lhe o Leonardo baixinho, trata-se de pancada velha...

— Ui! temos dança?... vai-te embora... tu não és capaz de armar um *sarilho*... sempre foste um podre!...

— Bem sei, eu não sou capaz... mas tu.. que és mestre disto...

— Eu... então por que diabo e onde queres tu que eu arme esse *sarilho*?...

— Não te has de arrepender, disse o Leonardo batendo significativamente com os dedos no bolso do collete.

O Chico-Juca entendeu o verso; carregou o chapéo um pouco mais para o lado, e pôz-se a escuta-lo com curiosidade.

O Leonardo disse então o que queria: tratava-se nada menos do que de ir o Chico-Juca nessa mesma noite, fosse como fosse, á função da cigana, e de armar ali por alta noite uma grande desordem: preveniu-o logo que o Vidigal havia de estar por perto; e assim, apenas estivesse armada a historia, era pôr-se ao fresco. A causa de tudo isto o Leonardo não lhe quiz explicar, e tambem elle não teve grande curiosidade de

saber: tratava-se de uma desordem; fosse qual fosse o motivo, estava sempre prompto. Assim, depois de se regatear um pouco o preço, chegarão os dous a um accordo, e ficou tudo tratado.

Deixando o Chico-Juca, o Leonardo foi procurar o Vidigal, e deu-lhe parte do que naquella noite havia em casa da cigana, e afiançou-lhe que a cousa acabava por força em desordem. Portanto cumpria que o Sr. major por lá apparecesse para o que dêsse e viesse.

— Está bem, disse-lhe o Vidigal; você quer tirar sua desforra; é justo. Lá hei de ir, e não precisava a sua advertencia, pois já sabia que havia hoje por lá annos, e tinha tenção de apparecer.

O Leonardo retirou-se contente vendo que seu plano sahia ás mil maravilhas, e dispoz-se a gozar do resultado, pondo-se á espreita de lugar conveniente. Começou a brincadeira. Já se tinha cantado meia dúzia de modinhas e dançado por algum tempo a *tyranna*, quando o Chico-Juca appareceu, e por intermedio de um conhecido (elle os tinha em toda a parte) foi introduzido na sala, e começou a observar o que se passava. Havia na sala um quarto cuja porta estava fechada: de vez em quando a cigana lá entrava, demorava-se um pouco e sahia; dahi a pouco tornava a entrar levando comsigo alguma das camaradas mais do peito e tornava a sahir; passado pouco tempo, entrava ainda levando outra amiga. Alguns fazião reparo nisso, outros porém não tinham desconfiança alguma. Ia a festa continuando, e lá pela meia noite, quando começava a *afer-ventar*, foi de repente interrompida. Viu-se um dos rapazes que tocavão viola parar subitamente, e, interrompendo o es-

tribilho da modinha que cantava, gritar enfurecido:

Isto passa de mais... varro... menos essa, Sr. Chico-Juca; nada de graças pesadas com essa moça, que é cá cousa minha...

O Chico-Juca estava com effeito a mais de meia hora a dirigir graçolas das suas a uma moça que elle bem sabia que era *cousa* do rapaz que estava tocando: tanto fez, que este, tendo percebido, proferiu aquellas palavras que acabamos de ouvir.

— Você respinga?!... respondeu-lhe o Chico-Juca dirigindo-se para elle..

O rapaz, que não era pêco, poz-se em pé e replicou:

— Tenho dito, nada de graças com ella!...

Mal tinha pronunciado estas palavras quando o Chico-Juca, arrancando-lhe a viola da mão, bateu-lhe com ella em cheio sobre a cabeça; o rapaz reagiu, e começou a confusão.

O Chico-Juca foi accommettido por um pouco; porém ligeiro e destimido, distribuia a cada qual o seu quinhão de cabeçadas e pontapés: algumas mulheres mettêrão-se na briga, e davão e levavão como qualquer; outras porém desfazião-se em algazarra. De repente o Chico-Juca embarafustou pela porta fóra, e desapareceu.

Era tempo, porque não se tinha passado muito tempo quando assomou na porta, que elle deixára aberta, a figura tranquilla do Vidigal, rodeada por uma porção de granadeiros. O Chico-Juca tinha-lhes escapado, apesar de o terem visto quando sabia, porque o major, sendo nessa occasião poucos os soldados, não quiz mandar segui-lo com medo que lhe faltasse gente, pois via que dentro da casa o negocio estava feio. Eutrou, pois, deixando-o passar.

Apenas virão, pararão todos aterrados.

— Então que briga é esta?... disse elle descansadamente.

Começarão todos a desculpar-se como podião; e segundo o credito que merecião pela sua reputação era-lhes distribuida a justiça: se era sujeito já conhecido, e que não era aquella a primeira em que entrava ficava de lado, e um granadeiro tomava conta delle; os outros erão mandados embora. Neste interim a cigana muito perturbada olhava repetidas vezes para a porta do quarto, dando signaes da mais viva inquietação. Não escapou isto ao Vidigal, que no fim de tudo disse a um granadeiro:

— Revista aquelle quarto....

A cigana deu um grito; o granadeiro obedeceu e entrou no quarto: ouviu-se então um pequeno rumor, e o Vidigal disse logo cá de fóra:

— Traz para cá quem estiver lá dentro.

No mesmo instante viu apparecer o granadeiro trazendo pelo braço o Rev. mestre de ceremonias em seroulas curtas e largas, de meias pretas, sapatos de fivella, e solidão á cabeça. Apesar dos apuros em que se achavão, todos desataram a rir: só elle e a cigana choravão de envergonhados.

Esta ultima poz-se aos pés do Vidigal, mas elle foi inflexivel; e o Rev. foi conduzido com os outros para a casa da guarda na Sé, sendo-lhe apenas permittido por-se em habitos mais decentes.

CAPITUL X.

SUCCESSO DO PLANO.

Para socegarmos os leitores, que estarão sem duvida com cuidado no mestre de ceremonias, apressamo-nos a dizer que não chegou elle a ir á cadêa; o Vidigal quiz dar-lhe apenas uma amostra do panno, e depois de o ter exposto na casa da guarda por algumas horas, como já acontecêra ao Leonardo, á vestoria publica, o deixou ir embora envergonhado, abatido, maldizendo a idéa que tivera de ir assistir de dentro do quarto á festa dos annos da sua amazia. Quanto ao Leonardo, não cabia em si de contente; por pouco que a sua vingança não tinha sido completa: vira o seu rival, como já a elle proprio succedêra, preso pelos granadeiros, levado á casa da guarda, soffrendo ahi a vestoria dos curiosos; faltára, é verdade, a sova e os dias de cadêa, porém tambem elle era um simples meirinho, e o mestre de ceremonias um sacerdote respeitado, e por isso qualq̃uer cousa bastava para feri-lo gravemente.

Além disto o mestre de ceremonias, depois de graves meditações, sabendo que ficára mal visto de seus companheiros pêlo escandalo que dera, se bem que fosse certo não estar

nenhum delles a tal respeito em circumstancias de lhe atirar a primeira pedra, ouvindo um murmurio surdo que se levantava ameaçando-o com a perda do logar que exercia na Sé, decidiu-se a abandonar a cigana, e assim o fez. Com isto o Leonardo deu-se de todo por satisfeito, e renascêrão-lhe as esperanças de conquistar o antigo posto, uma vez que o principal inimigo o tinha abandonado. A cigana, desprezada, não quereria sem duvida ficar por muito tempo devoluta; e como elle se achava com requerimento em caixa, e contava serviços atrasados, era provavel que obtivesse favoravel despacho, porque tambem ella ainda nem sonhava que tudo o que tinha succedido pudesse ter sido obra sua.

Começou pois o sentimental Leonardo a rondar a porta da sua antiga amante: se a via na janella, ora parava na esquina a dirigir-lhe olhares supplicantes; passando por junto della deixava ora escapar um maguadissimo suspiro ou uma queixa amargurada.

Todas estas scenas, desempenhadas por aquella figura do Leonardo, alto, corpulento, avermelhado, vestido de casaca, calção e chapéo armado, erão tão comicas, que toda a vizinhança se divertiu com ellas por alguns dias. Alguns imprudentes começárão, conversando das janellas, a atirar indirectas á cigana; esta ficou-se com isso, e foi essa a *fortuna* do Leonardo. Um dia que elle passou deu-lhe ella de olho que entrasse.

O Leonardo teve uma ~~sensação~~ **sensação** inexplicavel; seu rosto corloriu-se em todos os tons, desde o vermelho, que era sua cor habitual, até o rôxo ennegrecido; depois baixou gradualmente até a pallidez marmorea; caminhando do logar onde estava

até á porta da cigana, não sentiu o solo debaixo de seus pés; quando deu acôrdo de si estava com os olhos rasos d' água nos braços da antiga amada que lhe pedia mil perdões, que promettia ser dali em diante fiel até á morte, se bem que se não esquecia de declarar no meio de tudo que se o recebia de novo em sua casa era porque queria quebrar a castanha na boca daquellas más linguas da vizinhança que se estavam mettendo com a sua vida. O pobre homem não cabia em si; parecia um viajante que volta aos velhos lares, ou um cabo de guerra que acaba de livrar do poder do inimigo uma praça sitiada. Emfim reatárão-se de todo os afrouxados laços.

O Leonardo eahiu em dar parte aos seus companheiros que tinha afinal vencido a intrincada demanda; eustou-lhe isto uma tremenda caçoada de todos, e sérias reprehensões de alguns. Mas com cousa alguma se importava naquella occasião: a felicidade o cegava a ponto de não ver aquillo que lhe estava entrando pelos olhos.

A comadre, apenas soube do que havia succedido, foi procurar o Leonardo, e começou em um longo sermão a querer persuadi-lo que tinha dado um passo errado.

— Pois, compadre, disse-lhe ella, você não se emendou ainda !...

— Qual, historia, eu sou doudo por estas cousas.

— Mas, homem, você não se tem dado bem nem com as saloias nem com as ciganas; para que antes não procura uma filha cá da terra ?...

A comadre tinha uma sobrinha que vivia em sua companhia, e que lhe pesava soffrivelmente sobre as costas; desde ha muito nutria por isso uma idéa de que o leitor mais tarde terá

conhecimento quando ella se realizar, ou antes disso, se a perceber pelas palavras da comadre.

— Nada, não gosto desta gente,....

— Não tem razão; ha por ahí muita rapariga capaz; é verdade que o que ellas querem é o *toma lá dá cá debaixo do arco-cruzeiro*....

Ei por isso mesmo que eu não gosto.

Depois de alguns outras tentativas a comadre retirou-se um pouco contrariada, mas não de todo desanimada; ella contava com a cigana para ajuda-la a realizar o seu plano, e o leitor verá para diante que tinha nisso razão.

Quanto ao nosso ex-sacristão, continuava ainda a estar sem destino, o que sobre maneira incommodava ao compadre, mas que nem por isso o desanimava. Coimbra era a sua idéa fixa, e nada lh'a arrancava da cabeça. Até o proprio velho tenente-coronel já lhe tinha ido pessoalmente fallar por solicitações da comadre, porém nada conseguira. Exasperado com essa obstinação deixára o negocio de parte, e não se importára mais com cousa alguma.

CAPITULO X.

D. MARIA.

Um dia de procissão foi sempre nesta cidade um dia de grande festa, de lufa-lufa, de movimento e de agitação; e se ainda é hoje o que os nossos leitores bem sabem; na época em que vivêrão as personagens desta história a coisa subia de ponto; enchão-se as ruas de povo, especialmente de mulheres de mantilha; armavão-se as casas, penduravão-se ás janellas magnificas colchas de seda, de damasco de todas as côres, e armavão-se coretos em quasi todos os cantos. É quasi tudo o que ainda hoje se pratica, porém em muito maior escala e grandeza, porque era feito por fé, como dizem as velhas desse bom tempo, porém nós diremos, porque era feito por moda: era tanto do tom enfeitar as janellas e portas em dias de procissão, ou concorrer de qualquer outro modo para o brillantismo das festividades religiosas, como ter um vestido de mangas de presunto, ou trazer á cabeça um formidavel trepamoleque de dous palmos de altura.

Nesse tempo as procissões erão multiplicadas, e cada qual buscava ser mais rica e ostentar maior luxo: as da quaresma erão de uma pompa extraordinaria, especialmente quando

el-rei se dignava acompanhar-las, obrigando toda a còrte a fazer outro tanto: a que primava porém entre todas era a chamada procissão dos ourives. Ninguém ficava em casa no dia em que ella sabia, ou na rua ou nas casas dos conhecidos e amigos que tinham a ventura de morar em logar por onde ella passasse, achavão todos meio de vê-la. Alguns haviam tão devotos, que não se contentavão vendo-a uma só vez; andavão de casa deste para a casa daquella, desta rua para aquella, até conseguir vê-la desfilar de principio a fim duas, quatro e seis vezes, sem o que não se davão por satisfeitos. A causa principal de tudo isto era, supponho nós, além talvez de outras, o levar esta procissão uma cousa que não tinha nenhuma das outras: o leitor ha de achá-la sem duvida extravagante e ridicula; outro tanto nos acontece, mas temos obrigação de referi-la. Queremos fallar de um grande rancho chamado das — Bahianas, — que caminhava adiante da procissão, atraindo mais ou tanto como os santos, os andores os emblemas sagrados, os olhares dos devotos; era formado esse rancho por um grande numero de negras vestidas á moda da provincia da Bahia, donde lhe vinha o nome, e que dansavão nos intervallos dos *Deo-gratias* uma dança lá a seu capricho. Para fallarmos a verdade, a cousa era curiosa: e se não a empregassem como primeira parte de uma procissão religiosa, certamente seria mais desculpavel. Todos conhecem o modo por que se vestem as negras na Bahia; é um dos modos de trajar mais bonito que temos visto, não aconselhamos porém que ninguém o adopte; um paiz em que todas as mulheres usassem desse traje, especialmente se fosse desses abençoados em que ellas são alvas e formosas, seria uma terra de

perdição e de peccados. Procuremos descrevê-lo.

As chamadas Bahianas não usavão de vestido; trazião somente umas poucas de saias presas á cintura, e que chegavão pouco abaixo do meio da perna, todas ellas ornadas de magnificas rendas; da cintura para cima apenas trazião uma finissima camisa, cuja gola e mangas erão tambem ornadas de renda; ao pescoço punhão um cordão de ouro; ou um collar de coraes, os mais pobres erão de missangas; ornavão a cabeça com uma especie de turbante a que davão o nome de *trumphas*, formado por um grande lenço branco muito leso e engommado; calçavão umas chinelinhas de salto alto, e tão pequenas, que apenas continhão os dedos dos pés, ficando de fóra todo o calcanhar; e além de tudo isto envolvião-se graciosamente em uma capa de panno preto, deixando de fóra os braços ornados de argolas de metal simulando pulseiras.

Poucos dias depois dos ultimos acontecimentos narrados nos capitulos antecedentes, chegou o dia da procissão dos ourives. Os-nossos costumes nesse tempo a respeito de franqueza e hospitalidade não erão lá muito fôrçaveis; nesse dia porém soffrião uma excepção, e, como dissemos, as portas daquelles que moravão nas ruas por onde passava a procissão se abrião a todos os amigos e conhecidos. Em virtude disso aconteceu que se achassem reunidos em casa de uma certa D. Maria o compadre acompanhado do afilhado (ricamente vestido nesse dia com o seu robição de duraque preto e o seu boné de pello de lontra), a comadre e a vizinha dos mãos agouros.

D. Maria era uma mulher velha, muito gorda; devia ter sido muito formosa no seu tempo, porém dessa formosura

só lhe restavão o rosado das faces e alvura dos dentes; trajava nesse dia o seu vestido branco de cintura muito curta e mangas de presunto, o seu lenço também branco e muito engomado ao pescoço; estava penteada de *bugres*, que erão dous grossos cachos cahidos sobre as fontes; o amarrado do cabello era feito na corôa da cabeça, de maneira que simulava um pennacho. D. Maria tinha bom coração, era bemfazeja, devota e amiga dos pobres, porém em compensação destas virtudes tinha um dos peiores vícios daquelle tempo e daquelles costumes: era a mania das demandas. Como era rica, D. Maria alimentava este vicio largamente; as suas demandas erão o alimento da sua vida; acordada pensava nellas, dormindo sonhava com ellas; raras vezes conversava em outra cousa, e apenas achava uma tangente cahia logo no assumpto predilecto; pelo longo habito que tinha da materia, entendia do riscado a palmo, e não havia procurador que a enganasse; sabia todos aquelles termos juridicos e toda a marcha do processo de modo tal, que ninguem lhe levava nisso a palma. Essa mania chegava nella á impertinencia, e aborrecia desesperadamente a quem a ouvia, fallando nos ultimos provarás que lhe tinha feito o seu letrado nos autos da sua demanda de terras, nas razões finaes que se tinhão apresentado na acção que intentava contra um dos testamenteiros de seu pai, no depoimento das testemunhas no seu processo por causa da venda das suas casas, na citação que mandára fazer a um seu inquilino que lhe havia passado um credito de 20 doblas e que agora negava a divida, e em mil outras cousas deste genero.

Apenas entrára o compadre, de quem era antiga amiga, e a quem não via ha muito tempo, começou logo D. Maria por

dar-lhe parte que aquella antiga demanda com o testamento de seu pai ainda não estava acabada, e por ali ia já proseguindo conforme seu costume, quando o compadre lhe apresentou o afilhado, e começou também a contar a sua historia.

Começou elle pella origem do pequeno; remontou á pisadella e ao beliscão com que a Maria e o Leonardo tinham começado o seu namoro na viagem de Lisboa ao Rio de Janeiro, o que fez dar a D. Maria boas risadas. Passou em seguida á festa do baptisado, que descreveu detalhadamente. Até aqui era o drama risonho e feliz; veio depois a tragedia; contou todas aquellas historias da perfidia da Maria, dos ciúmes do Leonardo e da briga final, cujo resultado trouxera o pequeno ás suas mãos.

D. Maria ouviu tudo com a maior attenção, e só interrompia ao compadre de vez em quando para lançar uma praga á Maria, manifestar compaixão pelo Leonardo, e dar alguma risada pelas travessuras do pequeno. Quando a conversação estava nesta altura, a vizinha dos mãos agouros, que também já se achava presente, porém que até ali estivera distraída, chegou-se para intervir na conversação, já se sabe, contra o pequeno. Referiu então alguma das suas graçaças, accrescentando sempre no fim de cada periodo e dirigindo-se ao compadre:

—O vizinho, por mais bem que lhe queira, não poderá negar isto....

O compadre, que no meio de tudo tinha sempre pintado a historia do menino com cores muito favoraveis, não cessando de gabar a sua mansidão, boa indole, e dourando sempre as

suas diabruras com o título de innocencias, ingenuidades ou cousas de criança, começou a dar o cavaco com o desmentido que lhe dava a vizinha, que ao contrario d'elle pintava tudo com côres negras. A comadre interveiu tambem nessa occasião, porém conservando uma posição duvidosa: ora era da opinião do compadre, ora da opinião da vizinha.

D. Maria, que morria por conversa, e sobretudo por novidades, tomava o maior interesse na historia, e ninguem se lembrava de que vez alguma tivesse ella esquecido por tanto tempo suas demandas.

O pequeno, sentado em um canto, ouvia tudo em silencio observador. O compadre mal se podia conter, em respeito a D. Maria, com as invectivas da vizinha; esta, julgando-se segura na roda em que estava, desabafava largamente contra o menino. Finalmente terminou dirigindo-se a D. Maria, e dizendo na sua phrase do costume:

—Então, senhora, é o que eu digo ou não? Tem mãos bofes....

—Mãos bofes, atalhou o compadre já com a calva muito vermelha, mãos bofes? ora esta...

O pequeno lançou do seu logar á vizinha um olhar fulminante, e que queria pouco mais ou menos dizer:

—Deixa estar que esta não fica sem troco.

D. Maria, vendo que o compadre começava a exasperar-se, fez-se medianeira, e disse dirigindo-se á vizinha:

—Você tem-lhe raiva de mais; realmente a função da cebra na mantilha é para dar o cavaco, porém, bem diz o mestre: qual é a criança que não faz travessuras? Isto tudo ha de passar com a idade.

Dirigindo-se depois ao pequeno.

— Venha cá, Sr. travesso, disse-lhe com bondade, venha defender-se do que aqui estão dizendo a seu respeito.

O menino chegou-se com um ar entre vexado e capadoçal, collocou-se em pé entre a madrinha e a vizinha.

D. Maria fez-lhe então algumas perguntas, a que elle respondeu com promptidão, porém com máo modo. A vizinha não se julgou muito em segurança com tão bom vizinho a seu lado, e foi querendo levantar-se. O menino, percebendo isto, não quiz perder occasião de fazer o que fosse de maligno contra ella; estendeu a ponta do pé, e pisou-lhe com toda a força na barra da saia preta que ella conservava tendo tirado a mantilha. A vizinha, vendo-lhe o gesto, sem entender bem o que era, percebeu que elle preparava alguma, e quiz levantar-se rapidamente: lá se forão alguns quatro palmos da barra da saia.

— Ah ! disse o menino fingindo-se espantado.

! Valha-te, Deus, menino ! disse a comadre.

A vizinha contemplava a sua saia rota, dizendo para os circunstantes:

— Então é o que eu digo, ou não ? Tem máos bofes !...

O compadre sorria-se disfarçadamente vendo a vingança que o menino tomava do que a vizinha acabava de dizer.

— Ora, disse a final D. Maria com ar de quem não estava muito certa no que dizia, elle estava descuidado, não foi por querer....

O menino foi sentar-se, e a conversa proseguiu.

Chegou-se ao ponto do destino que o padrinho queria dar ao afilhado, e, segundo era costume, começou logo grande

divergencia entre o compadre e a comadre; esta não fallava senão na Conceição, e aquelle não fallava senão em Coimbra.

D. Maria, solicitada a dar a sua opinião, disse:

— Pois olhem, se fosse comigo, eu havia de pô-lo em um cartorio, e havia de fazer delle um bom procurador de causas.

— Oh! não, respondeu o compadre; perdôe-me, Sra. D. Maria, perdôe-me se lhe offendo com isso, mas eu tenho uma birra dos diabos com as taes demandas...

— Pois olhe, não tem razão, ellas dão-me que fazer, mas eu já estou acostumada. Por exemplo, aquella demanda das terras, isto tem sido um nunca acabar; os herdeiros do meu compadre João Bernardo, que ainda não estavam habilitados em juizo, mandarão-me aqui citar....

E por ahi continuava, sem que ninguém soubesse onde pararia, quando felizmente teve de interromper-se porque a procissão approximava-se, e todos corrêrão ás janellas.

Isto deu fim á conversa, começou a desfilar a procissão, que raalmente fazia bonito effeito, sobretudo vista da casa de D. Maria, que era, e tinhamos esquecido esta circumstancia, na mesma rua dos Ourives: as luzes das tochas reflectidas nos galões das armações das portas e nas taboletas cheias de ouro e prata em obra, com que os ourives nesse dia costumavam ornar os intervallos de suas casas, tinham um aspecto de muita riqueza e luxo, ainda que de máo gosto. De tudo que levava a procissão, o que mais mereceu as honrrs do agrado dos devotos foi o rancho das Bahianas que o leitor já conhece e o sacrificio de Abrahão, que ia representado ao vivo.

Caminhava adiante um menino com um feixe de lenha aos hombros, representando Isaac: logo atrás delle um latagão

vestido com um trage extravagante, com uma enorme espada de pão suspensa sobre a cabeça do menino; era Abrahão: um pouco mais atrás um anjo suspendendo o furibundo gladio por uma fita de 3 ou 4 varas de comprimento.

Terminada a procissão, retiravão-se os convidados.

Ao sahir o compadre com o pequeno, D. Maria chegou-se a elle, e disse-lhe significativamente:

— Appareça, que temos que conversar a respeito do pequeno...

Já se vê que o menino não era dos mais infelizes, pois que, se tinha inimigos, achava também protectores por toda a parte. Para diante os leitores verão o papel que D. Maria representará nesta historia.

CAPITULO XVIII.

AMORES.

Os leitores devem já estar fatigados de historias de travessuras de criança; já conhecem sufficientemente o que foi o nosso memorando em sua meninice, as esperanças que deu, e o futuro que prometeu. Agora vamos saltar por cima de alguns annos, e vamos ver realizadas algumas dessas esperanças. Agora começam historias, se não mais importantes, pelo menos um pouco mais sizudas

Como sempre acontece a quem tem muito onde escolher, o pequeno, a quem o padrinho queria fazer clérigo mandando-o a Coimbra, a quem a madrinha queria fazer artista mettendo-o na Conceição, a quem D. Maria queria fazer rabula arranjando-o em algum cartório, e a quem enfim caea conhecido ou amigo queria dar um destino que julgava mais conveniente ás inclinações que nelle descobria. o pequeno, dizemos, tendo tantas cousas boas, escolheu a peor possível: nem foi para Coimbra, nem para a Conceição, nem para cartório algum: não fez nenhuma destas cousas, nem tambem outra qualquer; constituiu-se um completo vadio, vadio-mestre, vadio-typo.

O padrinho desesperava com isso vinte vezes em cada dia

por ver frustrado o seu bello sonho, porém não se animava mais a contrariar o afilhado, e deixava-o ir á sua vontade.

A comadre tinha conseguido o seu fim, pelo que diz respeito á sobrinha ; tanto fizera, que o Leonardo, pilhando a cigana em nova infidelidade, resolveu-se... e arranjou-se... Dessa época começou elle a viver socegado : o vento da idade começava a apagar-lhe as flammas de ternura.

D. Maria envelhecêra soffrivelmente, porém não perdêra de modo nenhum a sua mania favorita das demandas : a última que tivera foi talvez a mais desculpavel, a mais razoavel de todas. Teve por causa a tutoria de uma sua sobrinha que ficára orphã por morte de um seu irmão. Este irmão tinha um compadre que não gozava de boa reputação : ora, tendo a orphã ficado senhora de alguns mil cruzados que deixára seu pai, ainda que esse não tivesse feito testamento, por ser ella filha unica e legitima,² o compadre apresentou-se pretendendo ser seu tutor.

D. Maria, percebendo o caso, apresentou-se tambem, e afinal venceu : foi nomeada tutora, e veio-lhe a sobrinha para casar : ella estimou isso, tanto mais que a sua idade já a fazia precisar, ainda não de um apoio, porém de uma companhia.

As mais personagens continuarão no mesmo estado.

D'aqui em diante trataremos o nosso momorandó pelo seu nome de baptismo : não nos occorre se já dissemos que elle tinha o nome do pai ; mas se o não dissemos, fique agora dito. E para que se possa saber quando fallamos do pai e quando do filho, daremos a este o nome de Leonardo, e acrescentaremos o apellido de pataca, já muito vulgarizado

muito vulgarisado nesse tempo, quando quizermos trata de-r quele

Leonardo havia pois chegado á época em que os rapazes começam a notar que o seu coração palpita mais forte e mais apressado, em certas occasiões, quando se encontra com certa pessoa, com quem, sem saber porque, se sonha umas poucas de noites seguidas, e cujo nome se acode continuamente a fazer cócegas nos lábios.

Já dissemos que D. Maria tinha agora em casa sua sobrinha: o compadre, como a propria D. Maria lhe pedira, continuou a visita-la, e nessas visitas passavão longo tempo em conversas particulares. Leonardo acompanhava sempre o seu padrinho e fazia diabruras pela casa enquanto estava em idade disso, e depois que lhes perdeu o gosto, sentava-se em um canto e dormia de aborrecimento.

Disso resultou que detestava profundamente as visitas, e que só se sujeitava a ellas obrigado pelo padrinho.

Em uma das ultimas vezes que forão á casa de D. Maria, esta, assim que os viu entrar, dirigiu-se ao compadre e disse-lhe muito contente:

— Ora afinal venci a minha campanha... veio hontem para o meu poder a menina... O tal velhaco do compadre de meu irmão não levou a sua avante.

— Muitos parabéns, muitos parabéns! respondeu o compadre.

Leonardo deu pouca attenção a isso; ha muito tempo que ouvia fallar da tal sobrinha; sentou-se a um canto, e começou a bocejar como de costume.

Depois de mais algumas palavras trocadas entre os dous,

D. Maria chamou por sua sobrinha, e esta appareceu: Leonardo lançou-lhe os olhos, e a custo conteve o riso. Era a sobrinha de D. Maria já muito desenvolvida, porém que, tendo perdido as graças de menina, ainda não tinha adquirido a belleza de moça: era alta, magra, pallida: andava com o queixo enterrado no peito, trazia as palpebras sempre baixas, e olhava a furto; tinha os braços finos e compridos; o cabello, cortado, dava-lhe apenas até o pescoço, e como andava mal penteada e trazia a cabeça sempre baixa, uma grande porção lhe cahia sobre a testa e olhos, como uma viseira. Trajava nesse dia um vestido de chita rôxo muito comprido, quasi sem roda, e de cintura muito curta; tinha ao pescoço um lenço encarnado de Alcobaça.

Por mais que o compadre a questionasse, apenas murmurou algumas phrases intelligiveis com voz rouca e sumida. Mal a deixáráo livre, desappareceu sem olhar para ninguem. Vendo-a ir-se, Leonardo tornou a rir-se interiormente.

Quando se retiráráo, riu-se elle pelo caminho á sua vontade. O padrinho indagou a cousa da sua hilaridade; respondeu-lhe que não se podia lembrar da menina sem rir-se.

-- Então lembras-te della muito a miudo, porque muito a miudo te ris.

Leonardo viu que esta observação era verdadeira.

Durante alguns dias umas poucas de vezes fallou na sobrinha da D. Maria; e apenas o padrinho lhe annunciou que terião de fazer a visita do costume, sem saber porque, pulou do contente, e, ao contrario dos outros dias, foi o primeiro a vestir-se e dar-se por prompto.

Sahirão e encaminharão-se para o seu destino.

CAPITULO XIX.

DOMINGO DO ESPIRITO SANTO.

Era esse dia domingo do Espirito Santo. Como todos sabem, a festa do Espirito Santo é uma das festas predilectas do povo fluminense. Hoje mesmo que se vão perdendo certos habitos, uns bons, outros máos, ainda essa festa é motivo de grande agitação; longe porem está o que agora se passa daquillo que se passava nos tempos a que temos feito remontar os leitores. A festa não começava no domingo marcado pela folhinha, começava muito antes, nove dias cremos, para que tivessem logar as novenas. O primeiro annuncio da festa erão as Folias. Aquelle que escreve estas Memorias ainda em sua infancia teve occasião de ver as Folias, porém foi já no seu ultimo gráo de decadencia, e tanto que só as crianças como elle davão-lhe attenção e achava nellas prazer; os mais, se dellas se occupavão, era unicamente para lamentar a differença que fazião das primitivas. O que dantes se passava, bem encarado, não estava muito longe de merecer censura; porém era costume, e ninguem vá lá dizer a alguma velha desse tempo que aquillo devia ser por força muito feio, porque leva uma risada na

cara, e ouviu uma tremenda philippica contra as nossas festas de hoje.

Entretanto digamos sempre o que erão as Folias desse tempo, apesar de que os leitores o saberão pouco mais ou menos. Durante os 9 dias que precedião ao Espirito Santo, ou mesmo não sabemos se antes disso, sahião pelas ruas da cidade um rancho de meninos, todos de 9 a 11 annos, *caprichosamente* vestidos á *pastora*: sapatos de côr de rosa, meias brancas, calção da côr do sapato, faixas, á cintura, camisa branca de longos e cahidos collarinhos, chapéos de palha de abas largas, ou forrados de seda, tudo isto enfeitado com grinadas de flôres, e com uma quantidade prodigiosa de laços de fita encarnada. Cada um destes meninos levava um instrumento *pastoril* em que tocavão, pandeiro, machete e tamboril. Caminhavão formando um quadrado, no meio do qual ia o chamado imperador do Divino, acompanhados por uma musica de barbeiros, e precedidos e cercados por uma chusma de *irmãos* de opa levando bandeiras encarnadas e outros emblemas, os quaes tiravão esmolas emquanto elles cantavão e tocavão.

O imperador, como dissemos, ia no meio: ordinariamente era um menino mais pequeno que os outros, vestido de casaca de velludo verde, calção de igual fazenda e côr, meias de seda, sapatos afivelados, chapéo de pasta, e um enorme e rutilante emblema do Espirito Santo ao peito: caminhava pausadamente e com ar grave.

Confessem os leitores se não era cousa devéras extravagante ver-se um imperador vestido de velludo e seda, percorrendo as ruas cercado por um rancho de pastores, ao toque de pandeiro e machete. Entretanto, apenas se ouvia ao longe a

fanhosa musica dos barbeiros, tudo corria á janella para ver passar a Folia: os irmãos aproveitavão-se do ensejo, e ião colhendo esmolos de porta em porta.

Emquanto caminhava o rancho, tocava a musica de barbeiros; quando parava, os pastores, acompanhando-se com seus instrumentos, cantavão; as cantigas erão pouco mais ou menos no género e estylo desta:

O Divino Espirito Santo
E' um grande folião,
Amigo de muita carne,
Muito vinho e muito pão.

Eis-ahi o que era a Folia, eis-ahi o que o compadre e o afilhado encontrarão no caminho.

A este episodio da Folia seguirão-se outros de que vamos em breve dar conta aos leitores. Por agora porém voltemos aos nossos visitantes.

Chegarão elles á casa de D. Maria, e acharão ainda todos á janella, porque acabava de passar a Folia. D. Maria recebeu-os com a sua costumada amabilidade. Leonardo ao entrar lançou logo os olhos para a sobrinha de D. Maria; porém, sem saber porque, não teve desta vez mais vontade de rir-se; entretanto a menina continuava a ser feia e exquisita; nesse dia estava ainda peor do que nos outros. D. Maria tinha tido pretensões de asseial-a; vestira-lhe um vestido branco muito curto, puzera-lhe um lenço de seda encarnado ao pescoço, e penteára-a de *bugres*. Por isso, agora que tendo ella tirado a costumada viseira de cabellos, lhe podemos ver o rosto, digamos, em abono da verdade, que si estava nesse dia mais

exquisita quanto ao todo, podia-se-lhe notar que não era tão feia de cara como a principio pareceu.

O caso foi que o Leonardo começou a olhar para ella sem mais vontade de rir-se; olhou uma, duas, tres, quatro, muitas vezes enfim, sem que nunca satisfizesse ao que elle interiormente chamava curiosidade de apreciar aquella figura.

A menina por sua parte continuava no seu inalteravel silencio e concentração, de olhos baixos e queixo no peito. Entretanto quem tivesse habito de observador fino poderia ter visto algum levantar de palpebras rapido, e algum olhar fugaz dirigido para o lado do Leonardo.

D. Maria e o compadre conversarão segundo o seu costume.

Na occasião da sahida, D. Maria, dirigindo-se ao compadre, disse-lhe:

— Olhe, escute: nós hoje vamos ao Campo ver o fogo, bem podiamos ir todos juntos; que diz?

— Sim, podiamos, respondeu o compadre: eu tinha de ir só com o meu rapaz; mas uma vez que me offercece, iremos todos juntos. E leva a senhora a sua menina, não é?

— Oh! leve, coitada; ella nunca viu o fogo; no tempo do pai nunca sahia...

Sem pensar, o Leonardo estremeceu de contente: pareceu-lhe que desse modo teria mais occasião de satisfazer a sua *curiosidade*. A menina nem se mexeu; pareceu-lhe aquillo absolutamente indifferente.

— Pois então estamos ajustados, accrescentou o compadre, e á noite cá as viremos buscar.

E sahirão.

CAPITULO XX.

O FOGO NO CAMPO.

A' hora determinada vierão os dous, padrinho e afilhado, buscar D. Maria e sua familia, segundo havião tratado: era pouco depois de Ave-Maria, e já se encontrava pelas ruas grande multidão de familias, de ranchos de pessoas que se dirigião uns para o campo e outros para a Lapa, onde, como é sabido, tambem se festejava o Divino. Leonardo caminhava parecendo completamente alheio ao que se passava em roda delle; tropeçava e abalroava nos que encontrava; uma idéa unica roia-lhe o miolo; si lhe perguntassem que idéa era essa, talvez mesmo o não soubesse dizer. Chegárão enfim mais depressa dô que suppozera o barbeiro, porque o Leonardo parecia naquella noie ter azas nos pés, tão rapidamente caminhára e obrigára o padrinho a caminhar com elle.

D. Maria estava já prompta e os esperava com algumas outras pessoas com quem tambem tratára ir de companhia, e em um momento puzerão-se a caminho. Formavão todos um grande rancho acompanhado por não pequeno numero de negras e negrinhas escravas e crias de D. Maria, que levavão cestos com comida e esteiras. D. Maria deu o braço ao com-

padre, e o mesmo fizeram as outras senhoras aos demais cavalleiros. Por gracejo D. Maria fez com que o Leonardo dêsse o braço a sua sobrinha; elle aceitou a incumbencia com gosto, mas não sem ficar alguma cousa atrapalhado, e deu na pobre menina alguns encontrões, embaraçado por não saber se lhe daria a esquerda ou a direita; finalmente acertou, e deu-lhe a esquerda, ficando elle do lado da parede. Offereceu-lhe o braço porém Luizinha (tratemo-la desde já por seu nome, pareceu não entender o offerecimento ou não dar fé d'elle. Contentou-se pois o Leonardo em caminhar ao seu lado.

Assim chegarão ao Campo, que estava cheio de gente. Nesse tempo ainda se não usavão as barracas de bonecos, de sortes, de raridades e de theatros, como hoje: usavão-se apenas algumas que servião de casas de pasto. Depois de passarem por diante dellas, D. Maria e a sua gente se dirigirão para o Imperio. Luizinha estava attonita no meio de todo aquelle movimento, diante daquelle espectaculo que vio pela primeira vez, pois era verdade o que dissera D. Maria: no tempo do pai raras ou nenhuma vez sahia de casa. Assim, sem o saber, parava algumas vezes embasbacada a olhar para qualquer cousa, e o Leonardo muitas vezes via-se forçado a puxar-lhe pelo braço para obriga-la a proseguir.

— Chegarão ao Imperio, que era nesse tempo quasi defronte da igreja de Sant' Anna, no logar agora occupado por uma das extremidades do quartel de Fuzileiros. Todos sabem o que é o Imperio, e por isso o não descreveremos. Lá estava na sua cadeira o imperador, que o leitor já viu passeando pela rua no meio de seus foliões. Luizinha, vendo-o, poz-se nas pontas dos pés, esticou o pescoço, e encarou-o por muito tempo

extatica e absorla. O Leonardo vendo isto sentiu um não sei que por dentro contra o menino que attrahia a attenção de Luizinha, e passou-lhe pela mente o desejo louco de voltar atrás 6 ou 7 annos de sua existencia, e ser tambem imperador do Divino.

Nas escadas do Imperio fazia-se leilão como ainda hoje, divertindo-se muito o povo ali apinhado com as graçolas pesadas do prégoeiro. Estiverão ali algum tempo entretidos os nossos conhecidos, e forão depois procurar no meio do Campo um lugar onde pudessem fazer alto para cear e ver o fogo. Achárão-no, não sem alguma difficuldade, pois que muitas outras familias se havião adiantado e tomado as melhores posições. Grande parte do Campo estava já coberta daquelles ranchos sentados em esteiras, ceando, conversando, cantando modinhas ao som de guitarra e viola. Fazia gosto passear por entre elles, e ouvir aqui a anecdota que contava um conviva de bom gosto, ali a modinha cantada naquelle tom apaixonadamente poetico que faz uma das nossas raras originalidades, apreciar aquelle movimento e animação que geralmente reinavão. Era essa a parte (permittão-nos a expressão) verdadeiramente divertida do divertimento.

Os nossos conhecidos sentárão-se como os outros em roda de suas esteiras, e começárão a cear. Leonardo, apesar das emoções novas que experimentava desde certo tempo, e principalmente naquella noite, nem por isso perdeu o appetite, e esqueceu-se por algum tempo de sua companheira para cuidar unicamente do seu prato. No melhor da cêa forão interrompidos pelo ronco de um foguete que subia: era o fogo que começava. Luizinha estremeceu, ergueu a cabeça, e pela pri-

meira vez deixou ouvir sua voz, exclamando extasiada ao ver cahir as lagrimas inflammadas do foguete que aclarava todo o Campo:

— Olhe, olhe, olhe !...

Alguns dos circumstantes desatarão a rir; o Leonardo deu o cavaco com aquellas risadas, e as achou muito fóra de tempo. Felizmente Luizinha estava por tal maneira extasiada, que não deu attenção a cousa alguma, e emquanto durarão os foguetes não tirou os olhos do céu.

Aos foguetes seguirão-se, como sabem os leitores, as rodas. Nessa occasião o extasi da menina passou a phrenesi; applaudia com enthusiasmo, erguia o pescoço por cima das cabeças da multidão, tinha desejos de ter duas ou tres varas de comprido para ver tudo a seu gosto. Sem saber como, unia-se ao Leonardo, firmava-se com as mãos sobre os seus hombros para se poder sustentar mais tempo nas pontas dos pés, fallava-lhe e communicava-lhe a sua admiração ! O contentamento acabou por familiarisa-la completamente com elle. Quando se atacou a lua, a sua admiração foi tão grande que, querendo firmar-se nos hombros de Leonardo, deu-lhe quasi um abraço pelas costas. O Leonardo estremeceu por dentro, e pediu ao céu que a lua fosse eterna; virando o rosto, viu sobre seus hombros aquella cabeça de menina illuminada pelo clarão pallido do mixto que ardia, e ficou tambem por sua vez extasiado; pareceu-lhe então o rosto mais lindo que jámais vira, e admirou-se profundamente de que tivesse podido alguma vez rir-se delle e acha-la feia.

Acabado o fogo, tudo se poz em andamento, levantárão-se as esteiras, espalhou-se o povo. D. Maria e sua gente puzerão

rão-se também em marcha para casa, guardando a mesma disposição com que tinham vindo. Desta vez porém Luizinha e Leonardo, não é dizer que vierão de braço, como este ultimo tinha querido quando forão para o Campo, forão mais adiante do que isso, vierão de mãos dadas muito familiar e ingenuamente. Este *ingenuamente* não sabemos se se poderá com razão applicar ao Leonardo. Conversarão por todo o caminho como se fossem dous conhecidos muito antigos, dous irmãos de infancia, e tão distraídos ião que passarão a porta de casa sem parar, e já estavam muito adiante quando os *sios* de D. Maria os fizerão voltar. A despedida foi alegre para todos e tristissima para os dous. Entretanto, como sempre que se despedia, o compadre prometteu voltar, e isso serviu de algum allivio, especialmente ao Leonardo, que tomára tudo o que se acabava de passar mais em grosso.

CAPITULO XX.

CONTRARIEDADES.

Creemos, pelo que temos referido, que para nenhum dos leitores será ainda duvidosa que chegára ao Leonardo a hora de pagar o tributo de que ninguem escapa neste mundo, ainda que para alguns seja elle facil e leve, e para outros pesado e custoso: o rapaz amava. E' escusado dizer a quem.

Como é que a sobrinha de D. Maria, que a principio tanto desafiára a sua hilaridade por exquisita e feia, lhe viera depois a inspirar amor, é isso segredo do coração do rapaz que nos não é dado penetrar: o facto é que elle a amava, e isto não basta. Convem lembrar que se pela sorte de um pai se póde augurar a de um filho, o Leonardo em materia de amor não promettia de certo grande fortuna. E com effeito, logo depois da noite do fogo no Campo, em que as cousas começavam a tomar vulto, principiou a roda a desandar-lhe em quasi todos os sentidos. Luizinha, uma vez extinto o enthusiasmo que, suscitado pelas emoções que experimentára na noite do fogo, a acordára da sua apathia, voltára de novo ao seu antigo estado: e, como de tudo esquecida, na primeira visita que o barbeiro e o Leonardo fizerão a D. Maria depois desses aconte-

cimentos, nem para este ultimo levantára os olhos; conservára-se de cabeça baixa e olhos no chão.

Ora, para quem, como o Leonardo, levára depois daquella feliz noite a construir esses castellos de extravagante architectura com que sonhamos nos dias felizes ds primeiro amor, isso foi já uma contrariedade sem nome; quando se via assim tratado quasi desatou a chorar; só o conteve o receio de não poder justificar o seu pranto com qualquer pretexto. A este primeiro movimento succedeu-lhe um momento de calma, e depois cresceu-lhe por dentro uma chamma de raiva, e esteve a ponto de chegar-se para a menina, desenterrar-lhe o queixo do peito, e chamal-a quatro ou cinco vezes de esturdia e feia. Afinal scismou um pouco e murmurou um — que me importa! — que pretendia ser desprezo, e que não era senão despeito.

A' primeira visita depois da noite do fogo seguirão-se muitas outras em que as cousas se passárão pouco mais ou menos do mesmo modo.

Um novo successo veio porém um dia dar outra côr e andamento aos successos; foi o encontro dos dous, padrinho e afilhado, em casa de D. Maria com uma personagem estranha a ambos. Era um conhecido de D. Maria que havia ha pouco chegado de uma viagem á Bahia. Figure o leitor um homem-zinho nascido em dias de maio, de poucô mais ou menos trinta e cinco annos de idade, magro, narigudo, de olhar vivo e penetrante, vestido de calção e meias pretas; sapatos de fivella, capote e chapéo armado, e terá idéa do physico do Sr. José Manoel, o recém-chegado. Quanto ao moral, se os signaes physicos não fallão, quem olhasse para a cara do

Sr. José Mancel assignava-lhe logo um lugar distincto na familia dos velhacos de quilate. E quem tal fizesse não se enganava de modo algum; o homem era o que parecia ser. Se tinha alguma virtude, era a de não enganar pela cara. Entre todas as suas qualidades possuia uma que infelizmente caracterisava naquelle tempo, e talvez que ainda hoje, positiva e claramente o fluminense, era a maledicencia. José Manoel era uma chronica viva, porém chronica escandalosa, não só de todos os seus conhecidos e amigos, e das familias destes, mas ainda dos conhecidos e amigos dos seus amigos e conhecidos e de suas familias. Debaixo do mais fútil pretexto tomava a palavra, e enfiava um discurso de duas horas sobre a vida de fulano ou de beltrano.

Por exemplo, conversando-se sobre qualquer objecto acontecia fallar-se em D. Francisca Brites.

— Conheci muito D. Francisca Brites, atalhava immediatamente o incansavel fallador; era mulher de João Brites, filho bastardo do capitão Sanches; em tempo de casada dizião suas cousas della, e a culpa tinha Pedro d' Aguiar, sujeito que não gozava de boa nota, principalmente depois que se metteu abri n' alhada de um testamento falso que attribuirão ao Lourenço da Cunha, que, em abono da verdade, era bom capaz disso, pois era sujeito de mãos limpas. Foi até elle quem furtou de casa a filha de D. Ursula, que foi moça de Francisco Borges, a quem deixou para seguir a Pedro Antunes, que por signal lhe deu bem má vida.

E tambem ella não devia esperar outra cousa d'elle, porque o homem que se atreveu a fazer o que elle fez a tres filhas que tinha, é capaz de tudo. Chegou a pôr pela porta fóra com um

páo as pobres moças depois de as ter espancado desapiedadamente. Entretanto uma dellas foi bem feliz: achou ahi um capitão de navio que tratou della; as outras não, coitadas.....

— Infelizes porque? acudia por acaso algum dos circumstantes; ellas casarão...

— Casarão, sim é verdade, retorquia elle tomando novo folego, porém com que marido? Um tomava moafas de todo o tamanho, o outro gastou tudo quanto tinha no jogo. Couhecios a ambos muito bem...

E por ahi proseguia e internava-se a perder de vista pela geração toda dos dous maridos, e era capaz de gastar nesse trabalho horas inteiras.

Desde o primeiro dia que o padrinho e o afilhado encontráram-se com José Manoel em casa de D. Maria, nenhum dos dous lhe ficou por certo querendo muito bem, e este não querer bem foi crescendo de dia em dia, especialmente pela parte do Leonardo. E o caso é que elle tinha razão; foi o instincto que o avisou de que ali havia um inimigo. Tão exaggerados erão os affagos de José Manoel para com D. Maria, e tanto repartia elle esses affagos com Luizinha, que bem claro se deixou ver que havia nelles fim occulto. Afinal o negocio aclarou-se. D. Maria era, como dissemos, rica e velha; não tinha outro herdeiro senão sua sobrinha: se morresse D. Maria, Luizinha ficaria arranjada, e como era muito criança e mostrava ser muito simples, era uma esposa conveniente a qualquer esperto que se achasse, como José Manoel, em disponibilidade; este pois fazia a cõrte á velha com intenções na sobrinha. Quando Leonardo, esclarecido pela sagacidade do padrinho, entrou no conhecimento destas cousas, ficou fóra de

si, e a idéa mais pacifica que teve foi que podia mui bem, quando fosse visitar D. Maria, munir-se de uma das navas-lhas mais afiadas de seu padrinho, e na primeira occasião opportuna fazer de um só golpe em dous o pescoço de José Manoel. Porém teve de aplacar-se e ceder ás admoestações do padrinho, que sabia de todos os seus sentimentos; e que os approvava.



CAPITULO XXII.

ALLIANÇA.

Se Leonardo se affligira do modo que acabamos de ver pelo contratempo que lhe sobreviera com o apparecimento e com as disposições de José Manoel, o padrinho não se incommodava menos com isso: vendo que o afilhado se fazia homem, e tendo decididamente abortado aquelle seu gigantesco plano de mandal-o a Coimbra, enxergava na sobrinha de D. Maria um meio de vida excellente para o seu rapaz. Verdade é que se lembrava de que D. Maria podia com muito justa razão, se as cousas continuassem do mesmo modo, quando chegasse o momento do desfecho das cousas, recusar sua sobrinha a um rapaz que não se occupava em cousa alguma, e que não tinha futuro. Por este motivo muitas vezes instava com o afilhado para que ensaiasse na cara de algum freguez tolo entrar no officio; porém este recusava-se obstinadamente. A comadre, quando alguma vez apparecia por casa do barbeiro, não cessava de insistir no seu antigo projecto de fazer o rapaz entrar para a Conceição. Uma occasião em que nisso fallou diante d'elle, custou-lhe a historia uma forte sarabanda: o rapaz tomára gosto á vida de vadio, e por principio algum que-

ria deixal-a. E se em outras occasiões estava elle desse humor, agora depois dos ultimos acontecimentos, quando o amor e o ciúme lhe occupavão a alma, não queria ouvir fallar em semelhantes cousas; acreditava que a sua melhor occupação devia consistir em dar cabo do rival que se lhe antepuzera.

No meio de tudo isto peor era que José Manoel parecia adiantar-se cada vez mais; astuto como era, insinuava-se de xtramamente no animo de D. Maria e a captivava com attensões de toda a sorte. O compadre começou a banzar sobre o caso, e um dia veio-lhe uma idéa: era preciso pôr a comadre ao corrente do que se passava, e interessal-a no negocio; ella era bem capaz, se quizesse, de arcar com José Manoel, e pôr-o fóra de combate; gozava boa fama de ter geito para *essas cousas*. Com effeito mandou chamar a comadre e expoz-lhe tudo.

Sim! respondeu ella ao ouvir a narração; o caso é este? pois está de cór o tal sujeito: hei de mostrar-lhe para quanto presto. Já hoje mesmo vou visitar a D. Maria.

Mal sabia José Manoel que tormenta se levantava contra elle. Ha muito percebêra elle que Leonardo e seu padrinho o não podia tragar, e mesmo que linhão segundas ténções a respeito de Luizinha, porém nunca lhe passára pela mente que seria mister lutar com elles. Em breve teve de ver que se enganava. A comadre foi, como promettêra, á casa de D. Maria, e achando lá José Manoel procurou fazer-se ostensivamente muito sua camarada, ainda que baixinho, e de vez em quando soltava perto de D. Maria algumas indirectas contra elle.

Quando José Manoel acabava de contar uma historia com todos os detalhes costumados sobre a vida deste ou dequelle, a comadre murmurava, por exemplo:

— Que lingua ! sáfa....

E com estas e outras ia pondo em relevo, sem parecer que tinha tal intenção, o character do adversário.

Além da qualidade de maldizente, José Manoel mentia com um descaro como raras vezes se encontra. D. Maria, amiga de novidades, a além disso muito credula, commungava perfeitamente quanta pêta lhe queria elle embutir. Uma das suas historias mais communs era a que elle intitulava — *O naufragio dos potes*. — Acontecêra-lhe na sua ultima viagem á Bahia, e elle a contava pelo modo seguinte:

« Estavamos quasi a chegar ao ancoradouro; viajava ao lado do meu navio um enorme *perú* carregado unicamente de potes. De repente arma-se um temporal, que parecia vir o mundo abaixo; o vento era tão forte, que do mar, apezar da escuridão, vião se contradansar no espaço as telhas arrancadas da cidade alta. Afinal quando já parecia tudo socegado e começava a limpar o tempo, veiu uma onda tão forte e em tal direcção, que as duas embarcações esbarrarão com toda a força uma contra a outra. Já muito maltratadas pelo temporal que acabavão de supportar, não puderão mais resistir, e abrirão-se ambas de meio a meio: o navio vasou toda a sua carga e passageiros, e o *perú* toda a sua carregação de potes; ficou o mar coalhado delles, em tão grande quantidade os havia ! Os marinheiros e outros passageiros tratárão de agarrar-se a taboas, caixões e outros objectos para se salvarem; porém o unico que se escapou fui eu, e isso devo á feliz lembrança que tive; do pedaço do navio em que tinha ficado dei um salto sobre o pote que boiava mais perto. Com o meu peso o pote mergulhou, e enchendo-se d'agua desapareceu debaixo de meus

pés; porém isto não teve logar antes que eu, percebendo o que ia acontecer, não saltasse immediatamente desse pote para outro. A este outro e a todos os mais aconteceu a mesma causa, porém servi-me do mesmo meio, e assim como a força das ondas os impellia para a praia, vim de pote em pote até á terra sem o menor accidente ! »

Como esta contava José Manoel milhares de historias..

Foi tambem isso um thema de que se serviu a comadre para o desconceituar no animo de D. Maria, sempre, é verdade, muito sorrateiramente.

Veremos quaes forão os resultados que alcançarão o compadre e o Leonardo com a alliança formada com a comadre contra o concurrente á Luizinha.



CAPITULO XXIII.

DECLARAÇÃO.

Enquanto a comadre dispunha seu plano de ataque contra José Monoel, Leonardo ardia em ciumes, em raiva, e nada havia que o consolasse em seu desespero, nem mesmo as promessas de bom resultado que lhe fazião o padrinho e a madrinha. O pobre rapaz via sempre diante de si a detestavel figura de seu rival a desconcertar-lhe todos os planos, a desvanecer-lhe todas as esperanças. Nas horas de socego entregava-se ás vezes á construcção imaginaria de magnificos castellos, castellos de nuvens, é verdade, porém que lhe parecião por instantes os mais solidos do mundo; de repente surdia-lhe de um canto o terrivel José Manoel com as bochechas inchadas; e soprando sobre a construcção, a arrazava n'um volver d'olhos.

Entretanto o que havia de notavel é que Luizinhá, causa de tantas tormentas, ignorava tudo, e a tudo continuava indifferente. Leonardo veio a entender, depois de muito meditar, que isto constituia um dos principaes defeitos de sua posição; se a comadre e o compadre conseguissem derrotar a José Manoel, e pô-lo em estado de não poder mais entrar em combate,

quem poderia dizer que o triumpho era completo? Não haja ainda uma segunda campanha a dar contra a indifferença de Luizinha? Daqui concluiu elle que era mister ir já rompendo fogo por esse lado; e como lhe pareceu o de mais importancia, não quiz confiar a nenhum dos alliados o seu ataque, e decidiu-se a dár-lo em pessoa. Devia começar, como o sabe de cór e salteado a maioria dos leitores, que é sem duvida nenhuma muito entendida na materia, por uma declaração em fórma.

Mas em amor, assim como em tudo, a primeira sahida é o mais difficil. Todas as vezes que esta idéa vinha á cabeça do pobre rapaz, passava-lhe uma nuvem escura por diante dos olhos e banhavase-lhe o corpo em suor. Muitas semanas levou a compor, a estudar o que havia de dizer a Luizinha quando apparecesse o momento decisivo. Achava com facilidade milhares de idéas brilhantes; porém mal tinha assentado em que diria isto ou aquillo, e já isto e aquillo lhe não parecia bom. Por varias vezes tivera occasião favoravel para desempenhar a sua tarefa, pois estivera a sós com Luizinha; porém nessas occasiões nada havia que pudesse vencer um tremor de pernas que se apoderava delle, e que não lhe permittia levantar-se do logar onde estava e um engasgo que lhe sobrevinha, e que o impedia de articular uma só palavra. Emfim, depois de muitas lutas consigo mesmo para vencer o acanhamento, tomou um dia a resolução de acabar com o medo, e dizer-lhe a primeira cousa que lhe viesse á bocca. Luizinha estava no vão de uma janella a espiar para a rua pela rotula; Leonardo approximou-se tremendo, pé ante pé, parou e ficou immovel como uma estatua atrás della que, entretida para fóra, de nada tinha

dado fé. Esteve assim por longo tempo calculando se devia fallar em pé ou se devia ajoelhar-se. Depois fez um movimento como se quizesse tocar no hombro de Luizinha, mas retirou depressa a mão. Pareceu-lhe que por ahi não ia bem; quiz antes puxar-lhe pelo vestido, e ia já levantando a mão quando tambem se arrependeu. Durante todos estes movimentos o pobre rapaz suava a não poder mais. Emfim, um incidente veio tiral-o da diffiuldade. Ouvindo passos no corredor, entendeu que alguém se approximava, e tomado de terror que se ver apanhado naquella posição, deu repentinamente dous passos para trás, e soltou um — ah! — muito engasgado. Luizinha, voltando-se deo com elle diante de si, e recuando espremeu-se de costas contra a rotula; veio-lhe tambem outro — ah! — porém não lhe passou da garganta, e conseguiu apenas fazer uma careta.

A bulha dos passos cessou sem que ninguem chegasse á sala; os dous levárão algum tempo naquella mesma posição, até que o Leonardo, por um supremo esforço, rompeu o silencio, e com voz tremula e em tom o mais sem graça que se possa imaginar perguntou desenxabidamente:

— A senhora... sabe... uma cousa?

E ria-se com uma risada forçada, pallida e tola.

Luizinha não respondeu. Elle repetiu no mesmo tom:

— Então... a senhora... sabe ou... não sabe?

E tornou a rir-se do mesmo modo. Luizinha conservou-se muda.

— A senhora bem sabe... é porque não quer dizer...

Nada de resposta.

— Se a senhora não ficasse zangada... eu dizia... Silencio.

— Está bom... eu digo sempre... mas a senhora fica ou não fica zangada ?

Luizinha fez um gesto de quem estava impacientada.

— Pois então eu digo... a senhora não sabe... eu... eu lhe quero.. muito bem..

Luizinha fez-se côr de uma cereja; e fazendo meia volta á direita, foi dando as costas ao Leonardo e caminhando pelo corredor. Era tempo, pois alguém se approximava.

Leonardo viu-a ir-se, um pouco estupefacto pela resposta que ella lhe dera, porém não de todo descontente: seu olhar de amante percebêra que o que se acabava de passar não tinha sido totalmente desagradavel a Luizinha.

Quando ella desapareceu, soltou o rapaz um suspiro de desabafo e assentou-se, pois se achava tão fatigado como se tivesse acabado de lutar braço a braço com um gigante..

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital – com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).